

ILUSTRAÇÃO

N.º 329 — 14.º ano



A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA
POR
CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinquenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A **LIVRARIA BERTRAND**, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9\$00 cada tómo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 5.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES:		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GRANDE EXITO LITERÁRIO

Acaba de aparecer nova edição revista de

O HOMEM QUE MATOU O DIABO

DE **AQUILINO RIBEIRO**

O que são, afinal, amor, arte, Deus, o Diabo?
Ilusões, Realidades?

1 vol. de 392 págs., brochado Esc. 12\$00

Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA



UMA GRANDE REVELAÇÃO CIENTÍFICA

Um ano de tratamento da tuberculose pelo método embolígeno

DO **DR. BERNAY** (DE LYON)

PELO **DR. MÁRIO DAMAS MÓRA**

Director da clínica da Trindade e Director do Dispensário Anti-Tuberculoso
«Dr. M. Ferreira de Mira» da A. N. T.

1 vol. de 56 págs., formato 24×16,5 com 16 gravuras
Esc. 10\$00; pelo correio à cobrança, Esc. 11\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades
médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
É um unico frasco bastant para vos convencer da rapidet
da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias
Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÊNEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.^a edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO DR. ANTERO DE FIGUEIREDO

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 578 páginas, com uma capa artística a côres e ouro, de ALBERTO DE SOUSA, Esc. 12\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda o 4.^o milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12\$00; enc., Esc. 17\$00

Pelo correio, à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.^a edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 15\$00, enc., Esc. 20\$00

Pelo correio, à cobrança, mais 1\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.^a edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, Esc. 8\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração

À VENDA

A RESTAURAÇÃO

POR EDUARDO BRASÃO

Da Academia Portuguesa da História

Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. Esc. 18\$00

Pelo correio à cobrança. Esc. 20\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O síndrome de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Compsto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A anexação da cidade livre de Dantzig, por que a Alemanha vem quebrando lanças desde o momento em que terminou a absorção, pacífica, da Checo-Eslováquia, é sintoma claro da gula insaciável do III Reich.

DANTZIG

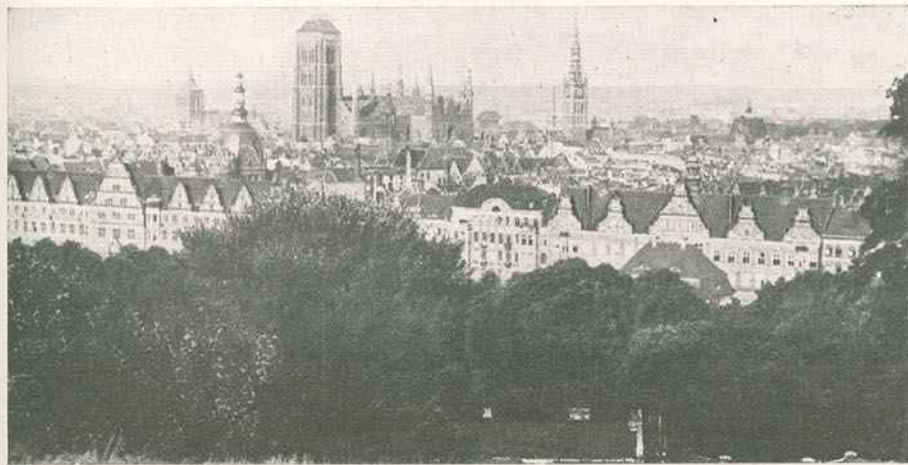
rado do nazismo que hoje pontifica na Alemanha. E se esse *desideratum* não

foi alcançado noutra tempo e ainda o não está hoje, devemos contudo conceder que o regime nazi muito tem obtido, aproveitando-se das utopias e dos sentimentalismos que presidiram à confecção do Tratado de Paz de Versalhes e do pacto da Sociedade das Nações e ao conseqüente adormecimento da Europa.

A Áustria, a Checo-Eslováquia, a região de Memel são outros tantos golpes que vieram abalar os alicerces do velho Continente, e que serviram para formar a Grande Alemanha que, se lhe dessem aso, desejaria certamente estender a sua influência, se não o seu domínio, a todas as Nações.

Dantzig e o corredor polaco, as actuais reivindicações germânicas, encontraram porém à sua efectivação uma resistência decidida das Potências Ocidentais.

Haverá guerra? Resolver-se-á tudo pacificamente? Como e à custa de quem?



Em cima: Vista geral de Dantzig

À direita: Marco na fronteira gemanopolaca, onde se lê: «Tratado de Versalhes» e a data de 28 de Junho de 1919

Em baixo: Fachada do edificio do Arsenal de Dantzig



O pacto de não-agressão germano-russo não será apenas uma bomba de espectacular efeito destinada à intimidação da Polónia e seus aliados? Mas não é ele o rompimento do pacto ant-Komintern, o que isolará o Reich?

São as perguntas que se põem no momento que escrevemos.

E pouco viverá quem não assistir à resposta a tais questões.



A Figueira da Foz, sendo uma das mais belas praias portuguesas, é também a que ostenta deliciosas tradições. Vem a propósito evocar os seus encantos de há quarenta e tantos anos, quando o escritor espanhol D. Luiz Taboada, dando-se ares de humorista, pretendeu metê-la a ridículo.

Ao que parece, o ilustre visitante preferia esta praia a lódas as outras apregoadas no estrangeiro, porque ela lhe oferecia vantagens como nenhuma. E, julgando-se alguém, entendeu que a sua presença compensaria lódas as despesas que se dignasse fazer, visto ser uma honra, em seu em tender, para a Figueira da Foz.

Não sabemos se o príncipe de Gales, o Izar da Rússia ou o négus da Abissínia por ali passaram com idéntica prosápia... No entanto, a Figueira deve ter registado a visita de algumas celebridades mundiais, sem que tivesse a lamentar a petulância impertinente de quem quer que fosse... E salientamos de «quem quer que fosse» na intenção de nos referirmos a «quem fosse alguém».

Pois é verdade. O tal sr. Luiz Taboada, que pelo nome não perca, tinha uma maneira muito esquisita de fazer contas sem a necessária conferência da prova dos 9 9.

Vamos transcrever um desses trechos que éte intitulado de Intimidades de um autor festivo — Primero amado, después aborrecido:

Muitas pessoas me perguntavam: — Porque veraneia você na Figueira da Foz?

— Porque, além de ser uma região preciosa, resulta o veraneio muito barato. E por vergonha não me atrevia a acrescentar:

— Além disso os figueirenses obsequiam-me muito, e ali me desquito desta triste insignificância a que vivo confinado na minha terra.

Esta foi uma das razões que eu encontré para ir veranear em Portugal.

Nunca me vi tão afagado nem senhor de um papel mais brilhante. Por vezes, chegava eu próprio a maravilhar-me do muito que eu valia sem ter dado por isso, chegando até a acalentar intenções de fazer-me retratar na praia ou no Casino, rodeado de admiradores, e apresentar depois a fotografia em Madrid, a-fim-de-me dar ares.

A princípio tudo ia perfeitamente. Chegava à estação da Figueira da Foz, e já encontrava à minha espera os donos dos Casinos, muitos comerciantes e numerosos donos de hospedarias e cafés. Começavam por se apoderar dos volumes da minha bagagem, disputando a honra de levá-los ao meu domicílio.

— Não se incomode, ilustríssimo senhor Fonseca de Guimarães — dizia a um.

— Deixe a minha chapeleira, ilustríssimo senhor Matozinhos de Carvalho — suplicava a outro.

Mas eles não faziam caso e continuavam na sua faina muito satisfeitos, e dirigindo elogios à minha família.

— Que excelente côr V. Ex.^{as} trazem! — exclamavam — Como as senhoras vêm encantadoras!... E o menino como está crescido! Até as criadas parecem mais esbeltas!

— Muito obrigado, muito obrigado! — respondiamos nós.

Aquele dia era passado a receber visitas, e à noite... tatchin, chin, chin, serenata com foguetes estrondosos, e comissão das pessoas notáveis da localidade que iam dar-me as boas vindas.

Um dos indivíduos tomava a palavra, dizendo:

— Excelentíssimo senhor Taboada: O povo da Figueira tem a honra de expressar a vossa excelência e a toda a sua ilustre família, os seus parabéns. O senhor Taboada é um grande protector desta praia, e nós devemos tri-



Na praia da Figueira da Foz, ha quarenta anos

TABOADA

A FIGUEIRA DA FOZ DE HA

Insolências antigas

butar-lhe a homenagem da nossa consideração mais respeitosa.

Eu então erguia-me e, com voz comovida, exclamava:

— Senhores: a homenagem que me tributais repercute no meu coração... Não tenho palavras com que expressar-vos... Enfim, senhores, a minha família e eu agradecemos, desde o íntimo da nossa alma, estas provas inequívocas do muito que...

— Viva o muito distinto escritor espanhol Dom Luis Taboada! — gritava um da comissão, assomando-se à janela e dirigindo-se ao público.

— Vivaaaaa! — repetia o povo soberano.

Eu assomava também à janela e gritava com voz sonora:

— Viva o povo da Figueira! Viva Portugal! Viva a raça latina! Viva a Península Ibérica! Viva a pescada nacional!

A maior parte destes vivas não eram compreendidos por aquelas gentes apreciáveis e sinceras, segundo pareciam, mas nem por isso deixaram de ser correspondidos com ruído frenesi.

Durante a primeira semana tudo corria ás mil maravilhas. Aquela gente, ao encontrar-me na rua, tirava o chapéu em sinal de respeitosa consideração, e dirigia-me os mais doces sorrisos... mas depois chegava um que me dizia em tom de amarga queixa:

— Sabe que não me agradou a sua conduta?

— Qual conduta? — perguntava eu.

— Pois o senhor sabe que eu tenho um magnífico estabelecimento de viveres, e não se digna comprar nada nête?!

— Homem — tentava eu explicar — eu não me ocupo dessas coisas...

DIFÍCIL

QUARENTA E TANTOS ANOS

que ficaram impunes

— Não se lembra já de que eu estive na estação no dia da sua chegada e que, além disso, fui eu quem levei até sua casa o embrulho dos chapéus de chuva e uma garrafinha chata?

— Não o esquecerei nunca.

— Por isso estranho duplamente que não gaste do meu estabelecimento.

Ao outro dia, o dono dum café formulava uma queixa semelhante à do tendeiro, e, ao fim de um mês de estar na Figueira, verificava que não me dirigiam cumprimentos vinte ou trinta pessoas ofendidas, lódas elas por eu não gastar das suas lojas.

Mas havia mais. Era o ódio que me professavam aqueles que não apareciam citados nas minhas correspondências para os jornais de Madrid, visto que todos me haviam pedido que fizesse menção dos seus estabelecimentos nos meus artigos.

Na intenção de o conseguirem, alguns comerciantes da Praça Nova resolveram oferecer-me um concerto ás sete da tarde num dos passeios principais da povoação, e fizeram imprimir uns programas que diziam assim:

Concerto oferecido ao muito ilustre jornalista espanhol e engraçado escritor Dom Luiz Taboada, pelo comércio da Praça Nova em 18 de Agosto de 1892.

PROGRAMA

Seguia-se a lista das partituras que deviam executar-ser, quasi todas elas espanholas.

Quando li o programa, e recebi vários exemplares impressos em seda senti o rubor escaldar-me as faces.



Forte de Santa Catarina, na Figueira da Foz

Decidira não assistir àquele ridículo espectáculo, mas uma comissão de comerciantes foi a minha casa convidar-me, meia hora antes da função, e não tive mais remédio que prometer-lhes a minha comparência.

Quando me apresentei na praça onde ia celebrar-se o concerto, cruzaram o espaço mil foguetes semelhantes aos que me cegaram dum olho em Vigo. Estremeci, recordando-me desse triste acontecimento, mas fiz das tripas coração, e continuei andando.

Num dos sitios mais visíveis da praça tinham colocado uma espécie de docel, debaixo do qual eu deveria sentar-me com toda a minha família.

Que coisas fazem os portugueses!

Lugos que tomei assento, a música rompeu com a marcha real espanhola.

Declaro que por breves instantes me senti rei, e disse para o príncipe das Astúrias, ou seja para o meu filho:

— Tira o boné, Emilinho, e saúda os meus súbditos.

O pequeno obedeceu, agitando a gorra augusta, e os súbditos me aclamaram.

Pois bem: não tinham passado quinze dias, e aqueles mesmos comerciantes que organizaram o concerto e queimaram foguetes em minha honra, voltavam a cara quando me encontravam na rua.

Porquê? Porque esperavam que, em agradecimento às suas homenagens, eu dissesse em *El Imparcial* e no *Madrid Cómico*:

«Não ha chapeus de chuva como os que vende o sr. João Peixoto de Vasconcelos Junior, da Figueira, nem chinelos de ourélo, como os que fornecem os srs. Roupeiro Bordalo, Guedes & C.» da referida localidade».

Por sua vez, a imprensa começou a enojar-se comigo, supondo que eu ridi-



cularizava os portugueses nas minhas correspondências.

Houve jornal que se atreveu a pedir a minha expulsão do território lusitano, e chegou a ser-me notificado anonimamente que havia o projecto de abrir uma subscrição pública a fim de se comprar a mão criminosa que me arrancasse da-quele meio.

Comecei a ver-me isolado e aborrecido. Se ia fazer a barba, o barbeiro procurava derramar o meu sangue generoso, fingindo que lhe havia escapado a navalha. Depois surpreendia nos seus lábios um gesto de satisfação que equivalia a dizer: — Eis-me vingado!

Sa mandava buscar manteiga, serviam-me com ranço; se era por vinho, vendiam-me azedo... Uma vez que necessitei de sanguessugas, fui aplicá-las, e verifiquei que eram completamente mansas.

Que fazer? O que fiz. Esperei que terminasse a época encalmada; paguei a casa, despedi-me do banheiro, único ser que me compreendia e amava, e deixei para sempre a Figueira, exclamando:

— Ingrata! E' assim que correspondes ao meu carinho? E' assim que pagas os elogios que te dediquei na imprensa? Não sabes que contribui com a minha propaganda para a tua prosperidade e teu desenvolvimento? Figueira... Figueira... tens nome de mulher!

LUIZ TABOADA

Foi assim que o autor festivo D. Luiz Taboada viu a nossa Figueira de há quarenta e tantos anos. Há apenas uma pequena correção a fazer: é certo que lhe pegaram solitamente nas bagagens ao desembarcar na estação, mas eram galegos encarregados desses serviços, isto é, compatriotas muitos ilustres do nosso ilustre visitante.

Figueira de Foz, Agosto de 1939.

SÉRGIO DE MONTEMOR

VIII VOLTA A PORTUGAL

EM BICICLETA



Em cima, à esquerda: Passagem dos corredores na ponte de Balança, antes de atingirem Figueira da Foz. *Ao centro:* Imponente aspecto da chegada às Caldas da Rainha. *Em baixo:* Os corredores entram triunfalmente no Campo 28 de Maio, onde começam a fazer as 20 voltas, término da grande competição ciclista

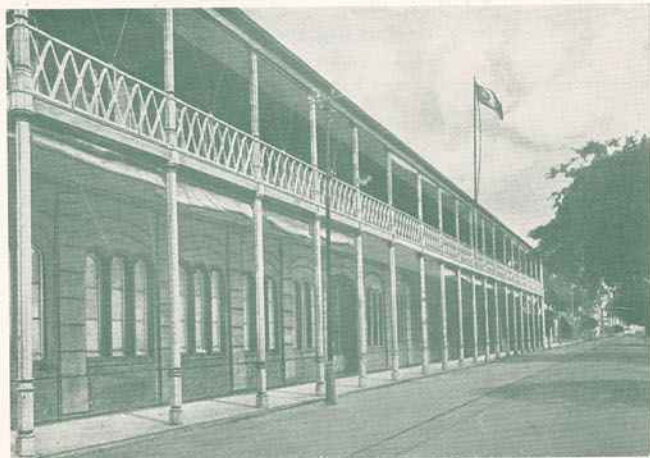


VIII Volta a Portugal em bicicleta



Em cima, à direita: Joaquim Fernandes vencedor da maior prova ciclista que se realiza entre nós. A' esquerda: O trio do Sport Lisboa e Benfica, que obteve a primeira classificação por equipas. Em baixo: O francês Lesguillons corta a meta, em primeiro lugar, na última etapa





Em cima: Os escritórios da Companhia de Moçambique, na Beira, à qual foi conferida por Sua Ex.^a o Sr. Presidente da República, na sua recente visita, a grã-cruz do Império Colonial. A direita: Fachada da Associação Comercial da Beira

AS NOSSAS Vários aspectos



Um dos mais lindos panoramas da Beira, vendo-se ao fundo a Igreja e a Escola de Artes e Ofícios da Missão Portuguesa



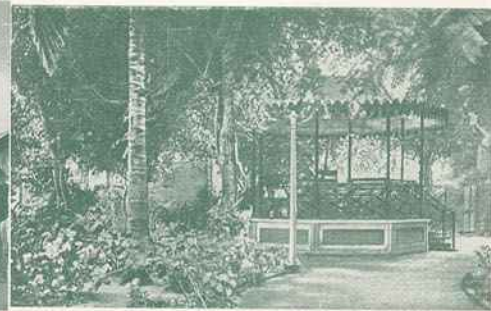
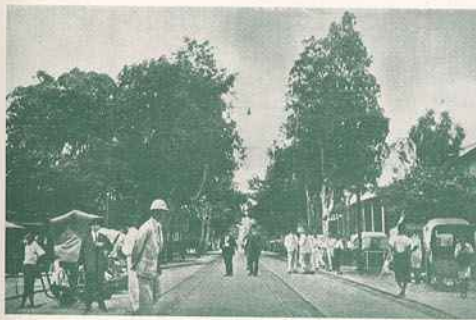
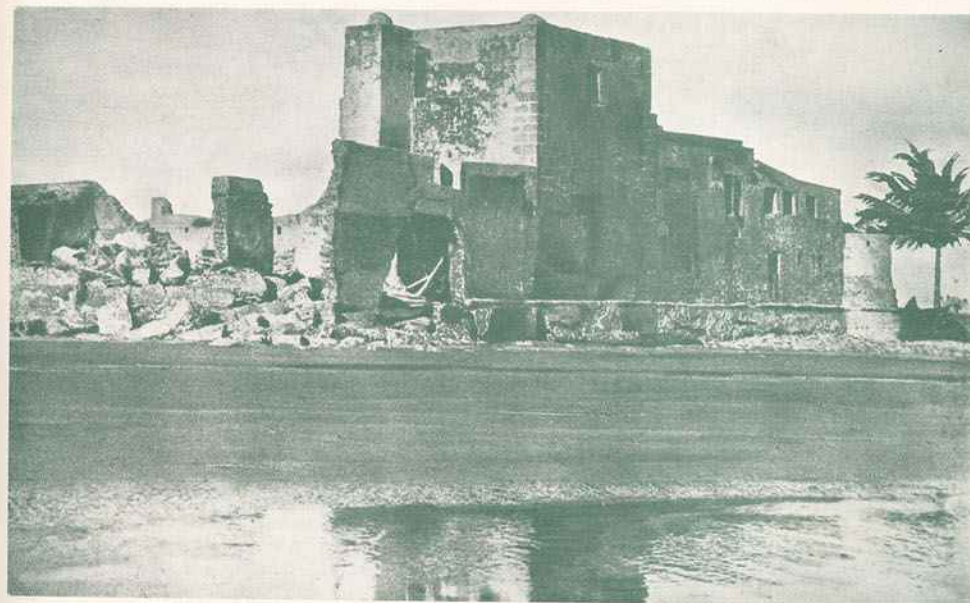
O edifício do Tribunal da Beira



Uma plantação de tabaco em Chimoio

COLÓNIAS da cidade da Beira

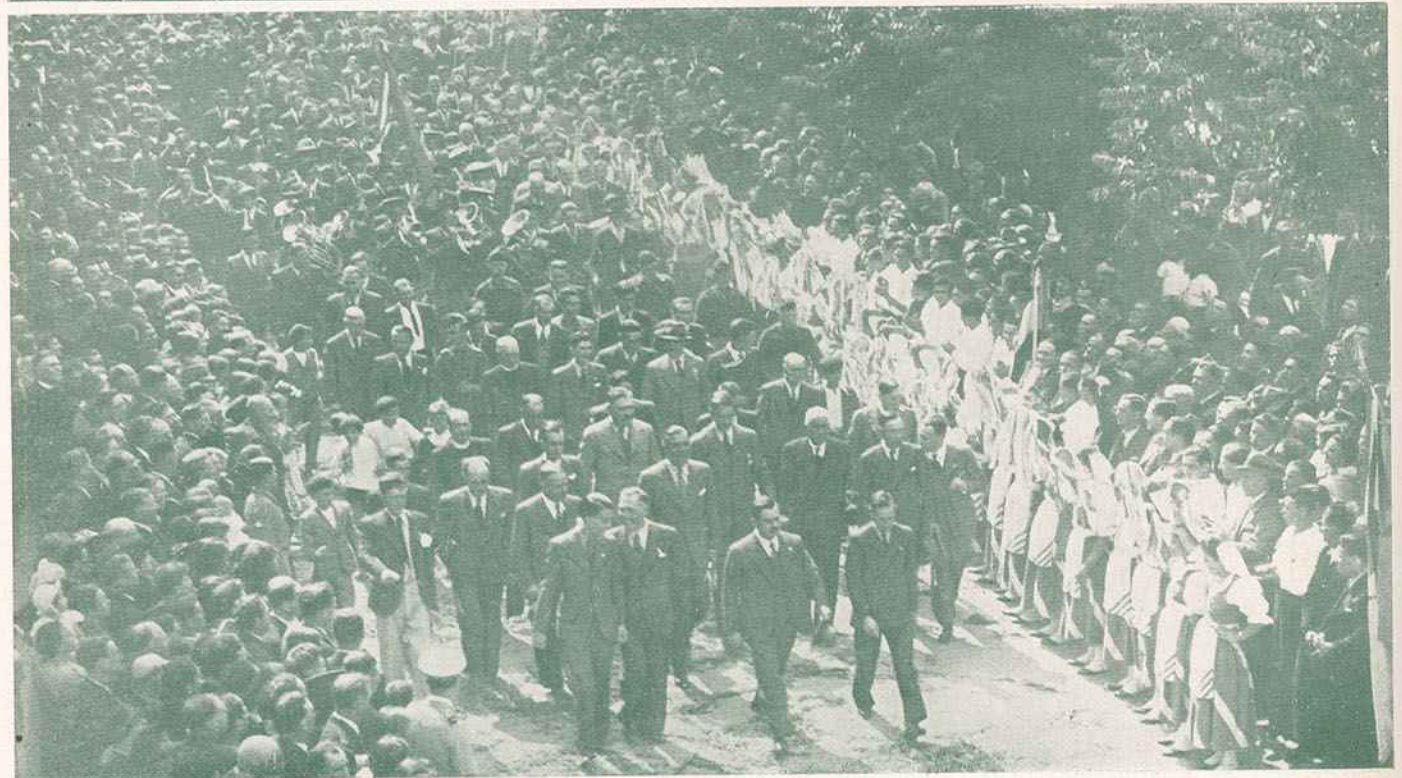
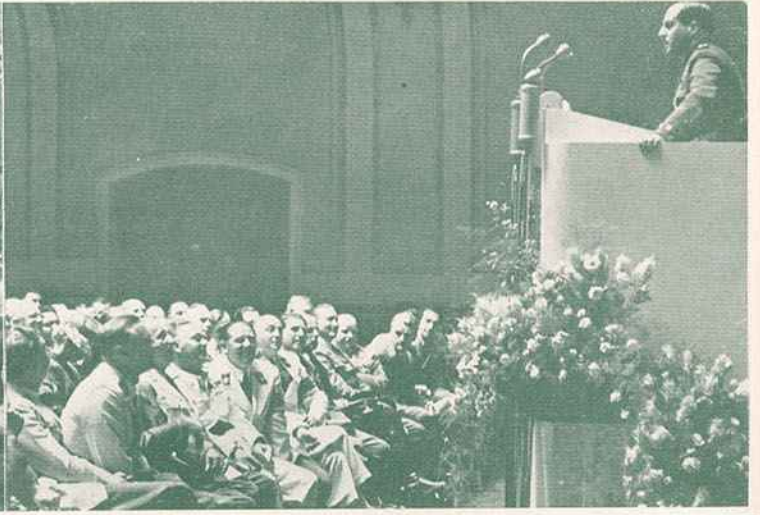
Em cima, à direita: Interior da residência do Governador do território, na Beira. No anal: Aspecto exterior da mesma residência. Ao centro: Um aspecto da antiga fortaleza de Sofala. Na exposição histórica organizada pela Companhia de Moçambique, na cidade da Beira, em que se mostrou a obra de civilização que a mesma Companhia tem realizado nos territórios que administra, apareceu uma interessante reconstrução da velha fortaleza que Pero de Maia construiu em Sofala em 1505. Sua Ex.^a o Senhor Presidente da República inaugurou a Exposição, que visitou demoradamente. Em baixo, à esquerda: Avenida da República na Beira. A direita: Uma vista do Jardim Público na mesma cidade



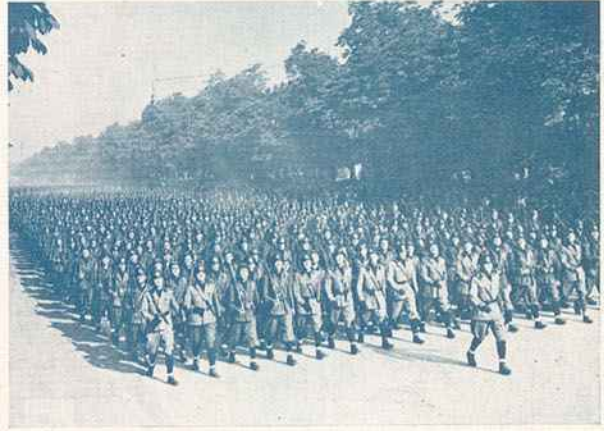
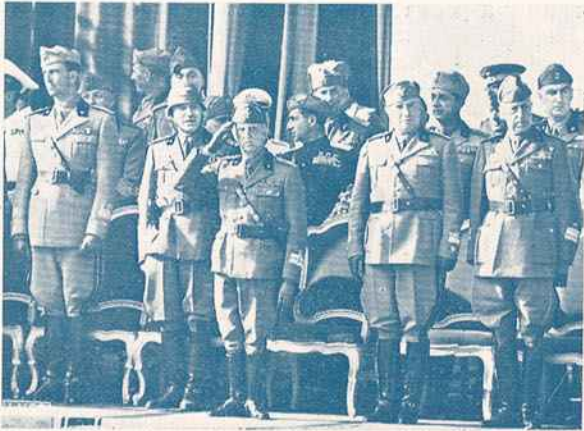
NOTÍCIAS DA QUINZENA



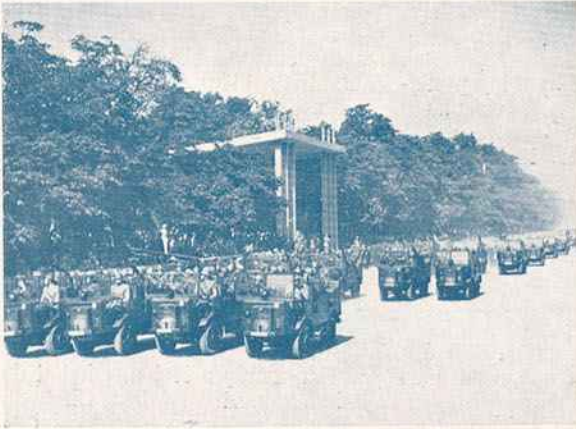
À esquerda: Quatro sorrisos bem portugueses que brilharam na Alemanha, no Congresso Internacional da «Fôrça pela Alegria». *Ao centro:* As representantes do folclore português e espanhol no Congresso junto do Castelo de San Souci, residência de Frederico o Grande e o sr. Eng. Higinio de Queiroz, presidente da F. N. A. T., discursando na sessão inaugural do referido Congresso, em Hamburgo. *Ao fundo:* O sr. ministro da Agricultura atravessa as ruas de Anadia, onde foi presidir a uma importante reunião da Lavoura da região da Bairrada



ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



O Rei de Itália assiste, com o herdeiro do trono que se vê à sua direita, ao desfile das numerosas tropas italianas que tomaram parte nas manobras realizadas no Piemonte. Na gravura da direita, vê-se um aspecto dessas tropas passando perante o Rei



Nas manobras italianas participaram contingentes de tôdas as armas. Veem-se aqui outros dois aspectos do desfile realizado em Turim, na Avenida Duque de Génova, perante o Rei de Itália e o Príncipe de Piemonte



Finda a guerra civil, Franco, chefe do Estado Espanhol, organizou o novo ministério. Eis uma foto tomada durante a primeira reunião realizada em Burgos sob a presidência do Generalíssimo, que se vê, sentado, no topo da mesa



Madame du Barry

até ao momento em que o povo francês, cansado da escravidão, se levantou em massa e, despedaçados os grilhões, fez cortar a cabeça ao tirano, ela teve-os, por assim dizer, todos atrelados ao seu carro de triunfo.

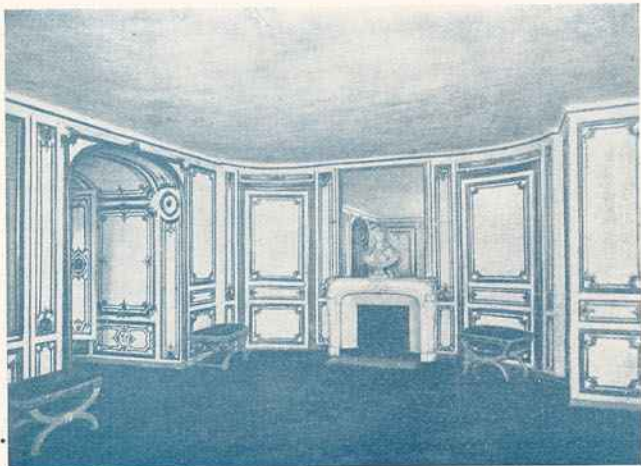
Então, todos esses aristocratas, vendo-se prestes a serem esmagados pelos patriotas vingadores, fugiram aterrizados. Porem, se abandonaram o país que, durante tanto tempo, haviam enlameado com as suas torpezas, foi para irem sulcar a seus outros aristocratas europeus

que corresse a reunir-se-lhes, a fim de que eles pudessem massacrar o povo. Mas esse povo, que teve a coragem de conquistar a sua liberdade, ha de conseguir fazer morder a poeira áqueles que apoiam esses projectos sanguinários!

Não obstante haver perdido com a emigração o exame dos seus adoradores e se encontrar reduzida a ter por únicos cortezãos os seus numerosos lacaios, a du Barry continuou a viver com o mesmo fausto e formou o desegno de se tornar útil, tanto aos emigrados, como aos seus amigos que tinham permanecido em França. Todos os antigos aristocratas passaram a encontrar em sua casa asilo certo. Entre muitos que ali se refugiaram, citaremos Laroche, ex-vigário geral d'Aggen, condemnado a morte por sentença deste tribunal. A fim de fornecer socorros aos emigrados ela concebeu um estratagem, que lhe permitiu fazer quatro viagens a Londres. Declarou ter sido

vítima, na noite de 10 para 11 de Janeiro de 1791, dum importante roubo de diamantes e outros valores, e que, como os ladrões tinham fugido para Inglaterra, onde haviam sido capturados, era obrigada a ir a Londres, para tratar da restituição.

Tôda a história não passava duma série de mentiras inventadas por ela, de concerto com Forth. Este dito Forth é o mais hábil dos espíões, que o governo inglês enviou para França, para sustentarem o partido da côrte e oporem-se ao avanço da nossa revolução.



Quarto de dormir de Madame du Barry no Castelo de Versalhes

NÉVOAS DO PASSADO

A paixão e morte de Madame Du Barry

vítima inocente da Revolução Francesa

A fim de perseguir os autores desse suposto roubo ela teve a habilidade de arranjar vários passaportes, tanto no Ministério dos Negócios Estrangeiros, como na municipalidade de Louveciennes e no departamento de Seine et Oise.

Vários membros da municipalidade protegiam-na ás claras, especialmente o chamado Lavalery, que depois se suicidou. Graças a esses passaportes clandestinos ela afrontou impunemente a lei contra os emigrados e, tanto assim é que nos primeiros dias do mês de Março, ainda se encontrava em Londres. Durante as suas quatro estadas nessa cidade conviveu assiduamente com todos os emigrados que lá se haviam refugiado e emprestou-lhes mesmo grandes quantias, como mais adiante provaremos. Contraindo, além disso, relações de íntima amizade com os lords mais poderosos, que exerciam importantes funções na côrte do tirano de Inglaterra e, inclusivamente, com o infame Pitt, esse inimigo implacável do género humano, pelo qual ela tinha tanta admiração e estima que trouxe para França uma medalha de prata com a effigie desse monstro. Favoreceu, igualmente, os inimigos existentes no interior, repartindo com eles a sua enorme fortuna.

Emprestou a Rohan Chabot duzentas mil libras. Este Rohan Chabot possui grandes bens na Vendéia e foi nas suas propriedades que, segundo todos dizem, se formou o primeiro nucleo de rebeldes.

Por intermédio do chamado d'Escourt, antigo cavaleiro, emprestou identica soma de duzentas mil libras a La Rochefaucauld, ex-bispo de Rouen e, tanto ao dito d'Escourt, actualmente detido na prisão de La Force, como a Labondie e ao visconde de Jumillac emigrado entregou ela, nessa mesma occasião, importantes quantias.

No seu pavilhão de Louveciennes de que ela procurou fazer uma pequena fortaleza (o que está suficientemente provado pelo achado de oito espingardas, que o seu bom e fiel amigo, o celerado d'Agremont, apanhou para ela á municipalidade de Paris, afirmando que eram para entregar á municipalidade de Louveciennes), organizou ela grandes reuniões de antigos aristocratas.

Ela tinha de tal maneira a certeza que a sua causa triunfaria e os revolucionários seriam aniquilados que escondeu num balseiro a sua baixela de porcelana e a de prata; enterrou no jardim o seu ouro, os seus diamantes e as suas pedras preciosas; assim como os pergaminhos e os documentos do emigrado Graillett e, no bosque, os seus bronzes juntamente com os bustos dos reis de França.

Em sua casa, no sótão, foi encontrado um autêntico depósito de fazendas e mercadorias riquíssimas, depósito esse cuja existência ela tinha negado. Foi também lá encontrada uma enorme coleção de gravuras e panfletos contra a Revolução.

Enfim, essa mulher, com a ajuda de quem, Forth, o célebre espião inglês, punha em execução os perfidos desgnos da côrte das Tulherias e da de Londres, praticou todo o mal que pôde, mantendo correspondência e relações de amizade com os mais encarniçados inimigos da República tais como: Crussol de Poix, Canonet, Calonne e uma série enorme de outros, cujos nomes seria fastidioso enumerar.

E, tanto é verdade a acusada em Londres estar sob a protecção do governo que, na própria occasião em que a França declarou guerra á Inglaterra, ella permaneceu tranqüilla, enquanto os outros franceses eram uns expulsos e outros cruelmente perseguidos.

Basta este facto para não deixar a menor dúvida sobre o papel odioso, que esta mulher representou. Semelhante criatura deve ser considerada, não apenas como um abismo horroroso, que enguliu uma quantidade espantosa de milhões, como um dos maiores flagelos da França.

Quanto aos banqueiros Vandenyver foram elles, indiscutivelmente, que serviram de intermediários entre a du Barry e os emigrados.

No espaço de dois anos forneceram a du Barry uma letra de crédito de 6.000 libras esterlinas, outra de 2.000, outra de 50.000, outra ainda ilimitada, sem contar com as duzentas mil libras para La Rochefaucauld. Tudo isto, após a promulgação da lei contra os emigrados, foi essa que os obrigava a considerar a du Barry como emigrado.

De resto, esses homens, desde sempre inimigos da França e da Liberdade, já, em 1782, haviam sido cúmplices dum confuto entre o rei de França e o de Espanha, que tinha por fim provocar a bancarrota nos dois países e, por conseguinte perpetuar a escravidão dos franceses.

Posteriormente, em 1792, alistaram-se nos cavaleiros do punhal e tomaram parte nos massacres do povo!

Procedeu-se em seguida á audição das testemunhas.

Jorge Greive, de quarenta e cinco anos de idade, escritor, declara ter conhecido que a acusada du Barry impediu o recrutamento em Louveciennes. Além disso, que achou, na noite de 22

de Setembro passado, no próprio dia em que ella foi detida, num sitio que, de ordinário, servia para guardar a ferramenta do jardineiro, uma quantidade de peças bastante valiosas pertencentes a uma baixela de prata; perto duma alea, a famosa baixela de ouro e, noutro lugar, enterrados, muitos luizes e escudados de seis libras, juntamente com o busto de Luiz XV e diversos bronzes de arte; debaixo dum monte de palha, uma quantidade de joias, objectos de ouro e de prata. Ultimamente, descobriu também o retrato do Regente e o de Ana de Austria.

«Observa a testemunha que Faurnier, juiz de paz do distrito, procedeu ao inventário dos objectos que foram encontrados.

«Acrescenta a testemunha que, nos papeis da acusada, encontrou uma carta, cuja assinatura, embora riscada a tinta, se pode reconhecer como sendo a de Forth, espião inglês, que veio a Paris, em 1777, para seguir de perto os passos de Franklin e que andava constantemente de viagem entre Paris e Londres.

«Declara que viu esse espião (que havia sido recompensado com uma importante pensão pelas suas diligências por occasião da guerra da América) várias vezes em casa da acusada, a qual possuindo diversas residências em Paris, recebia em sua casa emigrados e partidários do antigo regime.

«Com respeito ao roubo dos diamantes a sua opinião, como de resto a ge-

ralmente aceite em Louveciennes, é que semelhante roubo nunca se deu.

«O vice-presidente á acusada. — Recebeu Forth em sua casa?

«R. — Recebi.

«D. — Durante o seu primeiro interrogatório declarou que, no momento do seu regresso, em Março de 1793, o seu processo estava concluído; ora, porque razão, pergunto-lhe eu, o certificado mencionava que era absolutamente necessário que voltasse a Inglaterra?

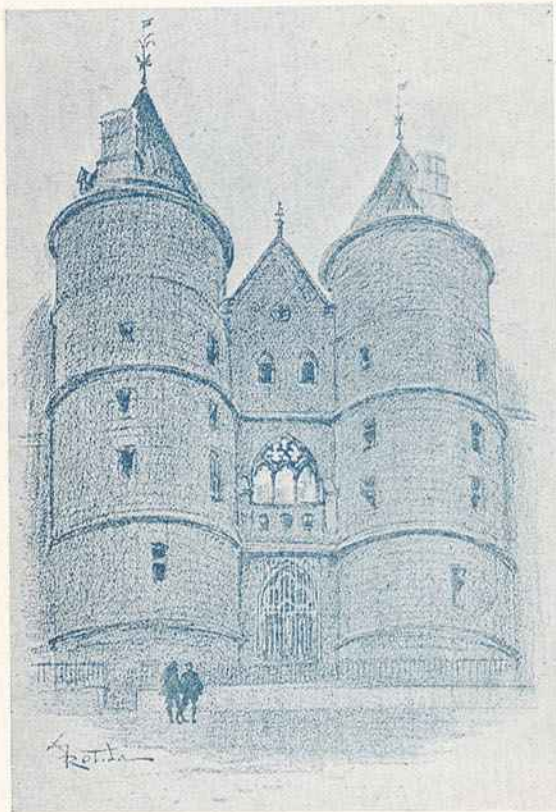
«R. — A fim de receber os meus



Luiz XV (Quadro de Carle van Loos)



Aposentos de Madame du Barry



As torres da Conciergerie

diamantes e pagar as custas do processo.

«A testemunha acrescenta que a acusada com o fim de obter autorização de ir a Inglaterra, mentiu à Convenção, ao afirmar que as suas jóias roubadas (dizia ela) eram a única garantia dos seus credores quando, na verdade, possuía imensos valores: 150 mil libras de renda na Câmara de Paris; cento e noventa acções na Caixa Económica no valor aproximado de oitocentas mil libras e uma grande quantidade de diamantes e pedras preciosas.

É ouvida outra testemunha.

«Xavier Andouin, adjunto ao Ministério da guerra, declara que alguns dias depois de 10 de Agosto de 1793, percorrendo com as forças armadas a floresta de Saint Germain, foi informado de que o castelo de Louveciennes estava cheio de antigos gentis-homens da corte.

Dirigira-se lá e a acusada, depois de lhes haver mandado dar de beber, afirmou que não tinha ninguém hospedado em sua casa.

Preguntara-lhe, contudo, o que havia dentro de certa divisão, cuja porta se encontrava fechada. Ela respondera, dizendo que era roupa suja, mas que não sabia onde estava a chave.

Estas tergiversações havendo-lhe parecido suspeitas, mandara arrombar a dita porta e dentro encontraram deitado, um rapaz chamado Maussabré. A acusada tinha de certo muita estima por esse rapaz visto que, ouvindo-nos dizer que o fomos conduzir a Paris, ofereceu logo a sua carruagem para o transportar. Além disso, mostrou-se extremamente comovida quando esse Maussabré

principiou a dizer: «Se me levam para Paris, serei fatalmente massacrado».

Desde então (acrescenta a testemunha) tem sido várias vezes procurado por um certo cavaleiro d'Escourt, que lhe tem solicitado a liberdade do dito Maussabré, ao que se tem recusado devido ao facto de esse particular, quando foi preso em casa da acusada, não ter apresentado nenhum documento que certificasse a sua qualidade de patriota.

Procedeu-se à audição de outras testemunhas.

«João Baptista Blache, Delegado da Comissão de Segurança Pública, declara ter visto a acusada no dia seguinte ao do regresso da sua primeira viagem a Londres, passeando de carruagem na companhia do tal Forth, que, por ocasião da guerra da América, viera a Paris com mylady Barymorè, a fim de a prostituir ao conde d'Artois ou ao duque de Orleans expressamente, no intuito de, por este canal, causar a desunião entre a França e a América.

Juntamente com a acusada e o dito Forth viu um homem de certa idade que lhe disseram chamar-se Pons, ex-constituente.

«Declara também que a acusada, quando da sua primeira estada em Londres, se hospedou em casa de um francês chamado Grenier e durante a segunda, se alojou em «Marguerite Street Oxford», onde recebia emigrados pertencentes à alta aristocracia e, entre

êles, a mulher de Calonne. Durante a sua terceira estada em Londres a acusada foi fazer uma visita ao cidadão Saint Far, irmão putativo do Orleans, que acabava de alugar em «Boulton Street Barks Square» um palácio todo mobilado para Bouillé. Como este ultimo não chegasse a vir, Saint Far cedeu o palácio à acusada.

«No mês de Janeiro de 1793, depois da morte do Capeto, a acusada vestiu-se de luto com o maior fausto, como é uso na sociedade inglesa, e assistiu a todas as exequias mandadas celebrar pelos potentados inimigos da República.

«Observa a testemunha que, tendo-se visto obrigado a sair de Inglaterra por ordem do rei, regressara a França e havendo sido encarregado pela Comissão Geral de Segurança de diversas missões importantes, que lhe proporcionaram diferentes idas a Louveciennes, fôra convidado pela acusada a alojar-se em sua casa, o que aceitara.

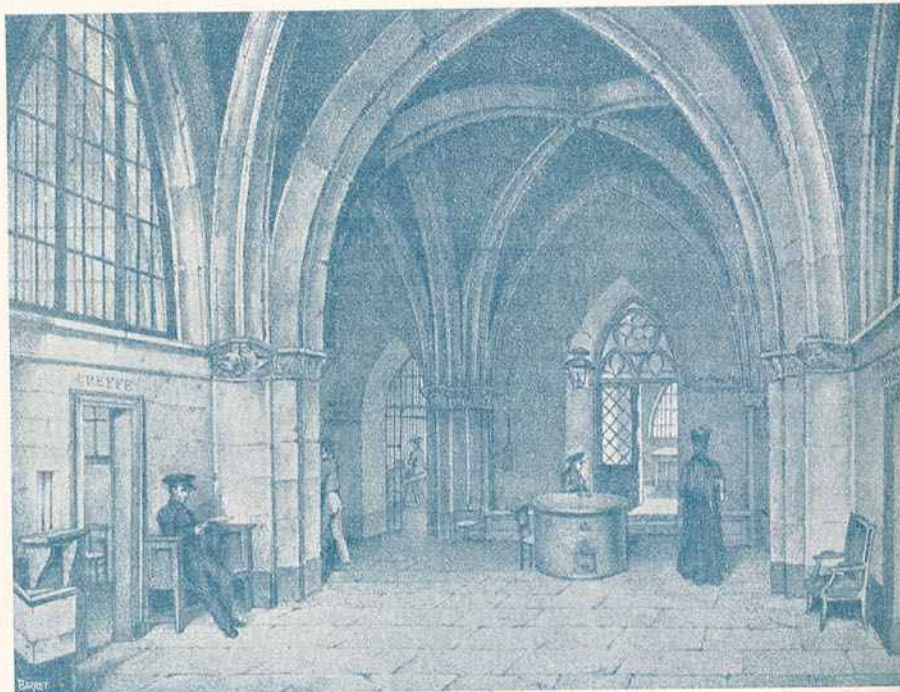
«Conversando com ela, falara-lhe das viagens que ela tinha feito a Londres e das pessoas com quem lá se havia encontrado, não lhe ocultando que era conhecedor das comunicações ilícitas, que ela mantinha com essas ditas pessoas.

Em resposta a esta observação, ela disse-me: «Sim, é verdade... mas eu apenas mantinha com essas pessoas relações de sociedade e nada mais».

A testemunha mostrou-lhe a lei promulgada no mês de Março, lei essa que pune com a morte todo aquê que mantenha relações directas ou indirectas com os inimigos da República. No dia seguinte, a acusada ofereceu um almoço aos oficiais da municipalidade de Louveciennes e incluiu Blache no número de convidados.

(Continua)

EUNICE PAULA



Sala de entrada da Conciergerie

VIDAS DE GLÓRIA E DE TRAGÉDIA

RECORDO *Um grande amor de Beethoven*. Não me passou ainda a impressão de tão incommensurável talento e de tão imensa desgraça.

Vivi com Harry Baur a sua enorme dor, as suas explosões de júbilo, o seu desespero, a sua glória.

Porque não há-de a natureza ser mais justa, mais equitativa e generosa, dando a sedução física, a quem tanto encanta pelo espírito?

É porque seriam dons de mais para uma criatura só, e é por isso que vemos tanta beleza idiota, e tanto engenho abrigado em tóscos envólucros.

Só as mulheres verdadeiramente inteligentes preferem o talento aos dotes corporais.

As outras prendem-se por «Adonis» quasi analfabetos e com linguagem de carroceiros.

Beethoven, que era feio — mesmo muito feio — teve a sorte de encontrar na sua vida duas mulheres inteligentes e cheias de um sentimento artístico, que ouviam o sublime músico, mais do que o viam.

A sua música tomava aos olhos dessas mulheres o lugar da beleza de feições e da elegância da figura que lhe faltavam.

O seu talento musical era para elas o que o perfume é para a flor.

Ambas o amaram, mas de tão diferente modo...

Julietta era a apaixonada absorvente, que só mais tarde, ao ver-se ligada a um cretino encadernado em pergaminhos, reconheceu quanto pode a beleza espiritual sobre os encantos físicos.

A outra, Tereza de Brünswick era a devoção, a ternura, o amor-sacrifício que acima da sua ventura põe a do homem amado.

Balouçado entre estas duas solicitações, o compositor da «Sinfonia Heróica» era como a rosa dos ventos, voltando-se

para onde mais fortemente o puxavam.

Mas o seu coração sentia-se prêso, com mais fortes cadeias, a Julieta — a «imortal amada».

A surdez — a sua tragédia — não o deixou ser feliz, não o deixou ter um lar.

Como havia de acorrentar a si uma mulher com quem não podia comunicar, senão por escrito, de quem não podia ouvir a palavra que entontece, a afirmação carinhosa de um grande amor, senão através desses odiosos quartos de papel que trazia pendurados ao pescoço para trocar conversa com amigos e indiferentes?!

Era tirar toda a poesia aos recontros amorosos, era materializar ridiculamente esses arroubos deliciosos que ele cantou divinamente, na *Sonata ao luar* e na *Apassionata*.

E enquanto via desfilar no «écran» essa vida agitada como um vendaval, e quanto ele morria e no ar subiam as notas vibrantes das suas «Sinfonias», aclamadas na hora própria em que os seus olhos se fecharam para sempre, eu pensava noutras vidas doutros génios que a asa da desventura também roçou descaradamente.

E lembrei-me desse artista imortal que à Espanha deu tanto brilho — Francisco Goya.

Esse garotete atrevido, que no seu «pueblo» jogava à pancada com quanto rapaz lhe aparecia, que andou fugido à polícia, mais tarde, por ter dado uma navalhada num parceiro, estava destinado a vir a ser, com Murillo, o expoente mais luminoso da pintura espanhola, em polos opostos de inspiração.

Goya foi o copista fiel da graça da mantilha e da peinetta, e foi com o mesmo êxito o épico pintor da «fiesta brava», essas toiradas em que homem e toiro se defrontam, rivalizando em audácia e bravura.

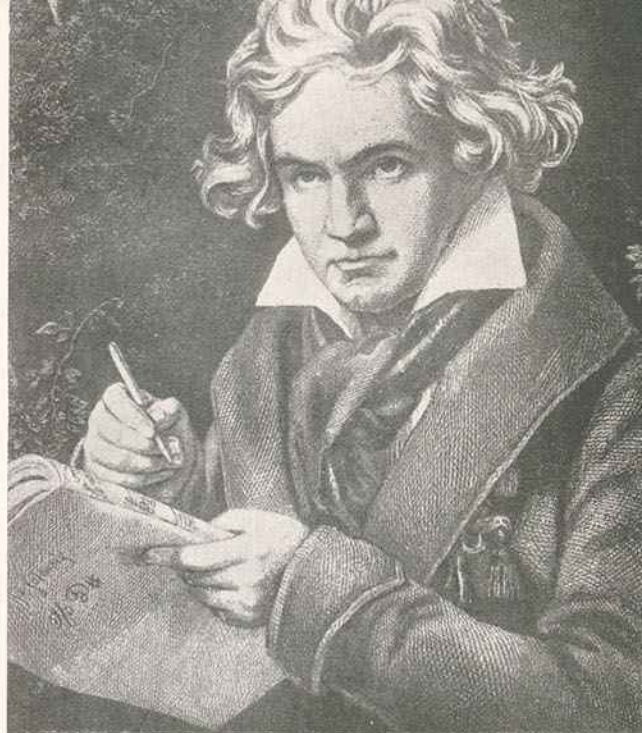
E para isto andou antes pelas arenas, metendo ferros mais ou menos «en su sitio» e levando marradas com certeza dadas com vontade.

Não nos dizem os seus biógrafos se ele chegou a ter brilho na sua «faena» mas isso não lhe põe nem lhe tira.

E deu-lhe a maestria da paleta e do pincel, em qualquer quadro de redondel em festa.

Pois este ficou surdo também e afastado do convívio dos homens pelo golpe da má sorte, dêles se afastou ainda mais, por vontade própria, indo refugiar a sua desgraça numa quintarola de província, que ficou conhecida pela «quinta do surdo».

É assim que a ingrata gente paga aos valores da sua pátria.



Beethoven

Mas a surdez de Francisco Goya não teve para ele, para a sua arte, a importância que teve para Beethoven.

O pintor precisa apenas da vista para pintar, o músico pode também *in mente* ouvir as suas notas, mas é diferente, muito diferente de ouvi-las «cá fora» como qualquer outro ouvinte.

A tragédia do ensurdecer é que é igual para todos, artista ou não.

Deve ser um horror, sentir-se isolado, ver sombras em vez de gente, porque sombras que passam não-de figurar-se-lhes todas as pessoas com quem não podem trocar impressões.

Que o diga António de Andrade, a quem a surdez afastou dos palcos onde teve noites triunfais.

Que o diga essa encantadora Branca de Gonta, cujos ouvidos são os seus olhos, que lêem nos nossos lábios as palavras que não pode ouvir.

E lembrei-me ainda da tragédia do nosso Joaquim de Almeida — o mestre dos mestres — maior ainda do que a dos génios que aponte!

Ser cego deve ser com certeza a maior dor e a maior miséria física. Não ver mais os entes adorados, não ver mais o lindo céu da sua terra, andar constantemente envolvido na treva, nunca mais ser dia para os seus olhos, não creio que possa imaginar-se suplício maior!

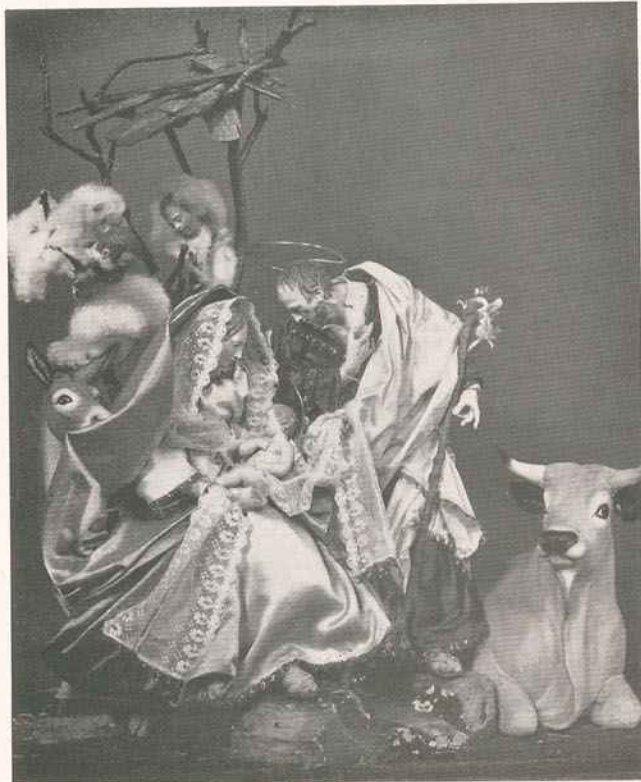
E Joaquim de Almeida cegou, depois de nos ter arrasado a alma com as suas criações, desde a revista à opereta, desde a farsa à tragédia.

Pela vida fora o seu espírito esmaltava todos os assuntos em que tocava. O seu génio deslumbrava-nos em todas as manifestações do seu histrionismo. Mas a tragédia era o seu trabalho de Hércules, e foi ela que o empolgou, que o amachucou nas suas mãos cruéis, tirando-lhe a luz dos olhos tão francos e tão leais.

MERCEDES BLASCO



Joaquim de Almeida

Presépio napolitano — Pertence à sr.^a D. Maria Luiza Madeira Pinto de Mogelhões

CHEGADO o momento de falarmos das vistosas maquiagens de Natal, armadilhas com presépios e grandes composições animadas com cenas da Adoração — motivos principais destes escritos — basta-nos saber que o primeiro presépio completo, do qual temos memórias num manuscrito de confiança, datado de 1624, existia há muito no convento dominicano de S. Salvador, em Lisboa, e sobre o qual um outro documento de igual valia, atesta a sua existência já um século antes, pelo menos. Nos começos do século XVI ele se venerava talqualmente como dois séculos depois se adoravam os mais célebres das nossas colecções.

Isto nos contentará em resposta de quem nos julgue apenas imitadores, e presume os nossos presépias influenciados pelos italianos de Mafra, pela natural coincidência de ali se ter fabricado um presépio, que desapareceu, e lá em casa particular ainda se conservam uns barros doutro, incompleto. Será possivelmente usado apoiarmo-nos também numas páginas de Herculano, probo historiador, mas de rica imaginação, quando ele numa narrativa da inauguração da

abóbada da Batalha, coloca um grande presépio sobre o estrado onde se representou um auto da «Adoração dos Magos», obra que diz dos dominicanos, mas muito bem pode ser da sua fantasia.

Luiz Chaves, no seu livro «Os barristas Portugueses», afirma com autoridade de investigador, que entre nós «princípios a divulgação e mestrança dos barristas no século XVI». Antes, porém, já em Portugal se modelavam imagens em barro, como em toda a parte, o que é naturalíssimo e a tradição idolátrica justificava, partindo-se de que a argila em todos os tempos e lugares, fora o elemento mais importante na revelação instintiva e fatal dos plásticos. Onde houver pedra há pedreiros; onde houver barro, aparecem os barristas. E onde houver fé, as imagens surgem, quer em pedra, em madeira ou em barro. Os ma-

OS PRESÉPIOS PORTUGUESES

Excêrto dum livro

teriais justificam as profissões, e as crenças provocam as artes. Segundo a lenda fundadora da escultura, foi a argila dos oleiros a razão auxiliar, que por um motivo de amor sugeriu ao homem a invenção da sua imagem, depois utilizada para glória dos deuses.

Desde o século XIV, pelo menos, que as esculturas em pedra documentam na nossa terra, o culto da *Natividade*. Se percorreremos os lavrados em granito nos capitéis, e os relevos dos túmulos ou altares, com cuidados próprios, lá descobriremos reminiscências daquêles gravados, cuja invenção do século IV se desenvolvera com a devoção do pai de Santa Constança. Em Atouguia da Baileia, por exemplo, possuímos um famoso baixo-relevo, de mãos portuguesas e do séc. XIV, com a cena do Nascimento de Jesus; da mesma era temos outro no sepulcro de Inês de Castro, em Alcobaca, além doutro quadro com a «Adoração dos Reis». No formoso túmulo de Afonso Sanches, em Vila do Conde, os nossos canteiros lavraram as mesmas cenas. Em Montemor-o-Velho — e isto para citarmos apenas exemplos —, possuímos uma linda composição da Natividade, irmã de outras já recolhidas a museus. Na ourivesaria gótica, assim como no marfim existente em Évora, também gótico, a Adoração do Presépio aparece já com encantos de personalidade, que imprimem nacionalidade à concepção e execução dos artistas.

Acompanhando as lãs dos autos do Natal, em muitos lugares e no decorrer dos tempos, se desenharam essas composições do Divino Mistério, não só na pedra e na prata, mas nas iluminuras dos



Alcobaca — Túmulo de D. Inês de Castro — «Adoração dos Magos»

livros devotos — o Missal de Estêvão Gonçalves Neto é uma prova — e nas táboas dos nossos mais célebres pintores. Logo, não nos furtemos a honra irmã da que os estrangeiros defendem, de sobre tema tão belo havermos criado obras nossas e de beleza.

Pondo de parte os casos da escultura em matérias menos duteis que o barro, temos de constatar que a dívida apreçoada a Alexandre de Giusti, arribado a Portugal em meados do séc. XVIII, o qual ao chegar a Lisboa e ao entrar na igreja de S. Roque, logo ali admirou as imagens modeladas pela insigne escultora Inácia de Almeida, «muito perita na escultura do barro e cêra», não é justa nem merece grande respeito, como as fomas fáceis dos levianos críticos o têm dito. Em Lisboa e na província, já por cá havia bastantes barristas e inventores de presépios, com dois séculos de tradição, pelo menos, e quicá de escola. Luiz da Costa, pai daquela escultora, «modelava figuras com igual perfeição», no séc. XVII; e Francisco de Olanda, no século anterior, aprendeu com seu pai António de Olanda, «a modelar o barro», segundo afirmam Taborda e Machado. O pai de Machado de Castro e o pai de António Ferreira também foram barristas, discípulos doutros barristas e professores dos filhos, muito antes de cá ter chegado o célebre italiano.

Mafra, quando muito, foi uma escola de canteiros, revolucionária nas formas colhidas ao J. Cavaleiro Bernino do sé-



Grupo de anjos dum presépio ignorado



Grupo popular do presépio do Sacramento

culo XVII, como o provam os modelos das imagens ainda lá existentes na galeria do convento. Foi uma boa oficina prática de estatuários no mármore, embora Cirilo desdenhe das suas virtudes, que muito contribuiu para o desenvolvimento do talento natural dos nossos escultores que não tiveram a sorte de José de Almeida e outros, mandados anteriormente a Itália, pelo rei, para aperfeiçoamento dos seus dons profissionais.

Claro que não dizemos, como Volkmar Machado maliciosamente escreve nas suas *Memórias*, para defender as qualidades dos barristas e dos santeiros em madeira, que queria superiores aos artistas vindos de fóra, que as estátuas de mármore executadas então, eram «más e quasi tôdas feitas por estrangeiros». A gratuidade faciosa destas críticas vulgares nos artistas — Volkmar era pintor e crítico, pouco dado a amistosas relações com os colegas —, vale a de muitos outros que usam de cepticismo

perante o que presumem nacional. O autor das *Memórias*, ao ferir a verdade com referência aos estrangeiros, agrediu o mérito dos nossos estatuários mais valorosos de então, que devemos confessar muito terem aprendido com os italianos de Mafra, mas somente no jeito de delinear, compôr e trabalhar a pedra, que há muito entre nós andava perdido e bastante incerto de cultura.

Acabemos com a injustiça deste crítico e com as lendas dos outros quanto ao mérito e funções de Giusti, que foi exemplar professor no talhe do mármore e proveito estímulo para o aparecimento de estatuários.

De presépias é que nos parece grande erro dizê-lo, tanto mais que os presépios conhecidos, existentes ainda

ou desaparecidos já, são todos atribuídos pela tradição, não tão remota como isso, a escultores portugueses das várias oficinas de Lisboa e da província; e nem um sequer a este ou àquêle italiano, ainda que certos pormenores de indumentária nas figuras recordem Nápoles, como outros lembram o Tirol, Sevilha e até a França. É curiosa a coincidência daquêles grupos pastoris, no presépio que foi dos Marquizes de Borba, cujos autores eram portugueses; até parecem desenhados por Watteau. É certo que este pintor, a-pesar de muito francês, trazia na alma a comédia italiana.

Na exposição do Museu das Janelas Verdes apareceu apenas um presépio, que pertencera a Frei Gabriel de Jesus Maria, franciscano de Brancanes, no qual mãos de artistas portugueses não tocaram. É incontestavelmente uma obra italiana, com técnica especial e arranjo de quadro, onde as figuras de *roca*, vestidas a capricho com selins e rendas naturais — uso italiano e provençal — se agrupam em pitoresco efeito, com o boi branco de lá e as núvens de algodão em rama suspensas em galhos de árvore, à maneira do teatro popular. Propositadamente este estrangeiro foi escolhido para figurar entre os portugueses, a-fim da crítica mais súsida estabelecer confrontos, e pela análise, desde a composição ao mais pequenino pormenor da técnica escultórica, se convencer de quanto os demais eram portugueses. Juntamos a este presépio mais três ou quatro figuras doutras origens, para reforço desta intenção esclarecedora, no caso das imagens de Mafra ali trazidas não serem suficientes para findar os enganões.

Pois a-pesar disso, ou porque as paixões ceguem os juízos, ou porque a preguça não consentisse aos julgadores o cuidado dos confrontos, não faltou quem depois da festa continuasse a dar a Cesar o que era de Deus, só porque lá viu pandeiros e fatiotas bisarras, que mal conhecem dos guarda-roupas de teatro.

DIAGO DE MACEDO



A Beira veste galas para a recepção do Chefe do Estado. Na gravura vê-se um aspecto das ornamentações nas ruas



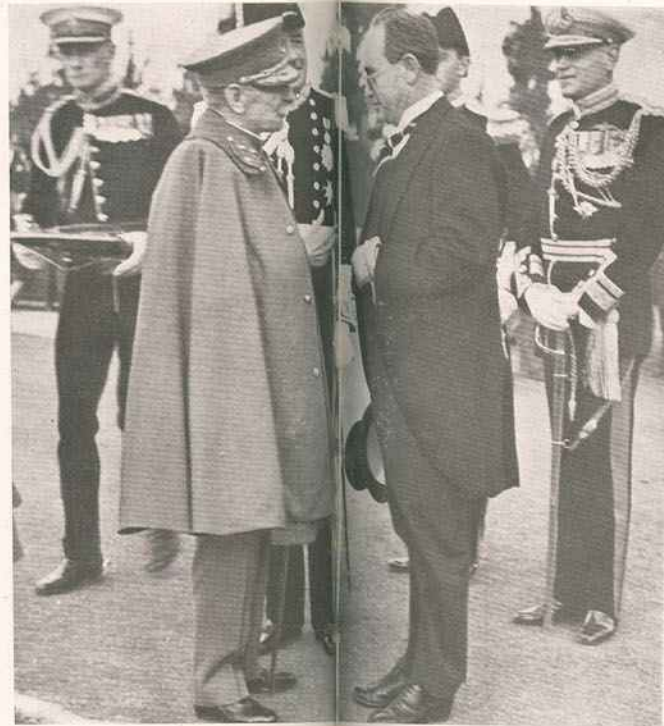
O Senhor Presidente da República durante a visita à cidade de Moçambique. *Em baixo*: Cinco elegantes preparam-se para assistir ao *garden party* em honra do Sr. General Carmona, em Lourenço Marques.



ECOS DA VIAGEM PRESIDENCIAL



O Chefe do Estado em continência, enquanto se toca o hino patriótico, assiste a um desfile de tropas em Pretória. Ao seu lado esquerdo vê-se Sir Patrick Dunkell, representante de S. M. Jorge VI na União Sul Africana. *Em baixo*: O Sr. Presidente da República conversa com Mr. Oswald Pirov, o inteligente ministro do Interior do jovem país Sudafricano



O Presidente da República Portuguesa durante a visita à Fortaleza de Moçambique



O Chefe do Estado troca impressões com o Governador-Geral de Moçambique, cap. Nunes de Oliveira. *Em baixo*: O grupo coral da Escola Rudimentar de Macusse, que entou a «Portuguesa» por ocasião da visita do Sr. General Carmona à Companhia do Boror





A luta *Sumo* é o desporto nacional dos japoneses; é uma luta um pouco no género da luta greco-romana.

Há alguns anos tivemos ocasião de presenciar no Coliseu de Lisboa os exercícios de um grupo de lutadores desta especialidade do Extremo Oriente.

Tinha-se realizado em Londres uma importantíssima exposição anglo-nipónica, onde estavam representadas todas as actividades japonesas: escolas; as célebres cerejeiras em flor; guelichas que pintavam lindos biombo e dançavam as suas danças nacionais perante um público extasiado; gravadores em cobre e em madeira; grupos de prestidigitadores estonteadores; grupos de jogadores de *jiu-jitsu* e de jogadores de *Sumo*. Foi no seu regresso ao Japão e de passagem por Lisboa que puderam exhibir-se no citado Coliseu.

As suas enormes barrigas e pernas estão em contraste com o que na Europa se exige de um ginasta bem treinado.

A notícia mais antiga que existe no Japão a propósito da luta *Sumo* data do tempo do imperador Suiniu, que viveu 24 anos antes da era vulgar.

Taimano-Kehaya era um nobre de avantajada estatura, dotado de uma força



hercúlea, que pediu ao imperador autorização para ser posta à prova.

O imperador acedeu ao pedido e mandou publicar nas principais cidades do Japão o repto do orgulhoso nobre.

O desafio foi aceite por Nomi-no-Sukune, que derrubou o antagonista e o matou, dando-lhe um ponta-pé nas costas.

Em resultado da derrota de Taimano-Kahaya foi Nomi-no-Sukune proclamado campeão do *Sumo*.

Fixaram-se posteriormente 48 golpes considerados legais, que se cumpriram de doze quedas, doze elevações, doze contorsões e doze arremessadas para trás das costas.

Todos os outros golpes eram considerados traiçoeiros e competia ao árbitro vigiar atentamente por que os golpes proibidos não fôsse empregados.

O jornal japonês «Edo Hanjoki» escreve a seguinte notícia a respeito deste desporto: «Desde o romper da manhã



até às 8 horas anunciam os toques de tambore a realização de um espectáculo de *Sumo*, e os espectadores levantam-se manhã cedo para assistirem à exhibição.

«Repleto o local, onde a cena vai ter lugar, entram os lutadores adversários vindo um do oriente e outro do ocidente.

«São ambos homens altos e fortes com tendões e ossos de ferro. Encaram-se mutuamente como os deuses de Nio. O árbitro contempla-os até que os dois respiram simultaneamente e ele levanta então o seu leque para dar começo à luta.

«Avançam um para o outro como tigres ferozes. Cada um dêles quer derrubar o adversário por contorsão ou levantando-o ao ar.

«Mas a luta não consiste numa exhibição de força bruta; demanda habilidade e ciência. Ambos fazem uso dos quarenta e oito golpes legais.

«O árbitro dança em volta dêles da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, atento a que se não empregue qualquer dos golpes proibidos.

O Sumo, desporto nacional do Japão

«Uma parte dos espectadores é pelo oriente, a outra pelo ocidente e a comção é tal que de punhos cerrados seguem os movimentos dos contendores sem uma só vez pestanejarem até que por fim um dos lutadores, oriente ou ocidente, vence o outro e o árbitro cobre-o com o seu leque para o proclamar vencedor.

«O estrépito dos aplausos faz tremer o chão e o *ring* enche-se de quimonos e de objectos de valor, que à saída têm de ser remidos a dinheiro.»

Causa estranheza que num país de habitantes relativamente de pequena estatura, apareçam estes lutadores de proporções tão avantajadas.

A altura dos jogadores é em média de 1^m,80 e o seu peso, também em média, aproxima-se de 180 quilos. Há também verdadeiros gigantes que atingem um metro e noventa centímetros e mais de altura e duzentos e cinqüenta quilos de peso; não são, porém, os gigantes que alcançam as maiores classificações.

O lutador mais alto da actualidade é Dewagatake que mede 2^m,40 e pesa 250 quilos, mas que nunca atingiu a categoria de campeão e que, em virtude de uma prolongada doença, está hoje posto de lado.

As categorias ou classes dos lutadores são as seguintes: *Yokozuna*, *Ozeki*, *Sekiwake*, *Komusubi* e *Maegashira*, e a última ainda se subdivide em *Makuuchi*, e *Makushita*.

Abaixo de *Makushita* há os *Juryo* e é necessário que o lutador atinja o grau de *Juryo* para ter o direito de se considerar um *sumotori* ou cultivador do *Sumo*.

Os candidatos a jogadores têm primeiro de submeter-se a um exame físico;



se conseguem aprovação recebem o título de *deshi* ou jogador pertencente a um campeão e começa então a carreira profissional.

É necessário em geral um treino de exercício intensivo durante quatro anos antes de se alcançar a categoria de *Makuuchi* e daí em diante só os melhores são promovidos.

Em rigor só deveria existir um grande campeão, ou *Yokuzuna* mas na realidade há hoje quatro que são: Futabayama, Tamanishiki, Minanogawa e Musa shiyama.

Está claro que a maior ambição de todo o *sumotori* é alcançar a classificação de *Yokozuna*, mas em geral só um de entre mil consegue atingir aquele alto grau. Quem o atinge nunca o perde até ao fim da vida, ainda mesmo que tenha perdido algumas das suas qualidades de lutador.

O lutador mais popular da actualidade é Futabayama, que tem 27 anos de idade, 1^m,80 de alto e 280 quilos de peso em desenvolvidos músculos.

Em todo o Japão se realizam lutas durante todo o ano, mas as únicas exhibições que legalmente conferem categoria aos lutadores são as que têm lugar em Toquio duas vezes no ano, em Janeiro e Maio e que duram 15 dias cada uma. São conhecidas por lutas Honbashi. Vem em seguida em grau de importância a luta do mês de Setembro na cidade de Osaka.

O lutador japonês desta especialidade pode, à primeira vista, parecer que não passa de um montão de gordura flácida, de músculos igualmente flácidos, pernas bambas e uma pança descomunal, mas na realidade é dotado de uma força ex-



traordinária e é uma brincadeira rudimentar para ele, levantar ao ar com uma só mão, um japonês de estatura normal.

Para se treinarem encostam-se a uma parede e quinze homens, uns após outros, atiram-se de cabeça impetuosamente contra os seus estômagos, e eles os repelem simplesmente pela força dos seus músculos abdominais e com tal força o fazem que os homens vão par a distância, sem poderem resistir.

Um outro exercício, que tem igualmente por fim fortalecer os músculos do estômago, consiste em atirar contra a sua barriga pesados objectos, que encontram também a rigidez dos músculos.

Para um *sportman* europeu aquelas monstruosas panças afiguram-se como verdadeiros obstáculos que devem impedir a agilidade necessária, mas para o cultor do *Sumo* quanto maior for a circunferência da barriga tanto melhor. O adversário nunca pode envolver uma dessas barrigas com ambos os braços e se



o lutador é hábil e se a barriga oferece uma grande convexidade pode atirar o adversário para fora do *ring* utilizando-se unicamente desta condição.

O segredo com que se obtêm esses grandes estômagos está no treino adoptado: o jogador começa a treinar-se de manhã muito cedo, com o estômago vazio, e depois de uma hora de exercícios come uma porção de *o-kayu*, que é uma comida composta de arroz tão cozido que fica em papas, depois do que dorme três a quatro horas.

Em seguida toma uma refeição que tem por título *Chanko-ryori*, cuja composição é segredo do lutador e preparada por ele próprio.

Muita gente supõe que estes gordos necessitam de muita alimentação, mas o certo é que, na realidade, o lutador do *Sumo* come pouco relativamente à sua



corpulência. Certamente comem mais e bebem mais do que um japonês normal, com a sua pequena estatura e hábitos comidos...

No entanto, por aposta, encontram-se entre estes homens pançudos alguns capazes de comerem e beberem porções que causam espanto.

Os lutadores, ainda mesmo os classificados com alta categoria, recebem dos seus empresários um ordenado mensal de sete libras esterlinas, mas um campeão de *Sumo* pode contar com um rendimento anual que pode ir de 2 a 5.000 libras, conforme a sua popularidade.

Tem também uma parte nos lucros dos dois grandes torneios, que se realizam em Toquio e Alaska e uma retribuição certa por cada luta de que saiem vencedores.

No entanto por maiores que sejam os lucros, as suas despesas são igualmente enormes; cada campeão sustenta um séquito de *deshi* ou aspirantes a lutadores que compõe por assim dizer a sua corte e lhe dão prestígio. O séquito de Tamanishiki compõe-se de uns oitenta *deshi*.

Têm também direito a uma reforma pela qual recebem anualmente de 200 a 500 libras, segundo o tempo que têm de lutadores, desde que atingiram a categoria de *Makuuchi*. Depois de reformados vivem uns da sua pensão e outros dedicam-se ao comércio ou tomam a chefia de novo grupo de lutadores, e fiéis ao desporto, que praticaram durante a vida, nunca dêles se desligam completamente.

ADOLFO BENARÚS



ACTUALIDADES DA QUINZENA



Um aspecto da procissão dos pescadores realizada em Viana do Castelo. *A' direita:* O sr. Cardinal Patriarca de Lisboa chega a Alcobaga para presidir ao Congresso Eucarístico



O sr. ministro da Educação Nacional durante a sua visita ao Centro Médico Desportivo da "Mocidade Portuguesa". *A' direita:* O rebocador "Cabo Sardão" foi abalroado e afundado por um navio inglês. Alguns dos sobreviventes contam como se salvaram do desastre



As equipas de "water-polo" húngara e do Sport Algés e Dafundo que se defrontaram na piscina do clube português. O resultado foi favorável aos húngaros. *A' direita:* O sr. dr. Carneiro Pacheco assiste ao festival de natação em que colaboraram exímios nadadores húngaros e nacionais

O DESPORTO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Não há mais deliciosa época para praticar todos os desportos, ao ar livre, do que esta em que vamos entrar. O mez de Setembro é de todos os mezes do ano aquele que mais convida ao exercício, principalmente ao exercício ao ar livre.

Acabado o tempo do grande calor, Setembro tem dias lindíssimos em que brilha o sol dando alegria ao ambiente — mas não o sol esbrasiante de Julho e Agosto — e a temperatura suave incita-nos a gozar do prazer de fazer desporto, respirando um ar puro que nos lava os pulmões e os robustece contra os pérfidos ataques do inverno que nos espera.

Cada vez se faz mais desporto, cada vez se trata mais de desenvolver e robustecer o corpo humano. Homens, mulheres e crianças, todos fazem gymnástica, todos fazem desporto e é portanto interessante ver o que tem sido o desporto através dos tempos e qual a sua influência na humanidade.

Nos tempos da Grecia toda a mocidade fazia desporto. Claro que não era o mesmo que se pratica hoje. O arco e a flecha, o disco eram os desportos favoritos, que hoje estão quasi postos de parte e poucos são os que os praticam.

As corridas pedestres preparavam os gregos para a árdua tarefa da guerra, e, célebres são as corridas de Maratona, que ainda hoje se fazem e glórias têm dado a alguns amadores do pedestrianismo.

Os romanos dedicavam-se mais ás corridas de bigas, mais cruéis; os seus desportos favoritos eram em geral combates em que se perdia a vida e que acabavam por tornar insensíveis e dum atroz crueldade, as creaturas que a eles assistiam, e se divertiam com tão bárbaros espectáculos.

Nos tempos da Idade Média e depois da Renascença os desportos eram também dedicados

a crear denodados guerreiros e quasi se pode dizer que constavam também de cavalaria e torneios, que se tinham outra elegância de apresentação, não passavam também de bárbaros combates onde perigava a vida do homem, esse dom precioso de Deus, que o homem expõe tantas vezes por ninharias que nada valem.

A mulher estava completamente posta de parte nesses desportos e pode quasi dizer-se que o único que praticava era a equitação, que tinha como desculpa a dificuldade de comunicações, e que lhe permitia o transportar-se dum lado para o outro nessa época em que jornadaear era um pesadelo e demandava forças e resistencia, para poder suportar fadigas, que os maus caminhos tornavam torturantes.

E embora a mulher de outras épocas fôsse certamente mais saudável, era preciso uma grande robustez para fazer em muitas horas trajectos que hoje se fazem em meia hora quando muito.

Mas pouco a pouco a mulher começou a fazer desporto, a querer tomar parte nessa vida ao ar livre que o homem fazia e que o robustecia, enquanto a mulher se estiolava fechada em casa, e, terras de provincia havia em que até chegar à janela, respirar um pouco de ar puro, era mal visto e não havia senhora que prezasse a sua reputação, que se atrevesse a fazê-lo. Com arte a mulher começou a fazer com que fôsse considerado elegante um certo número de desportos, que lhe permitiam gozar o prazer de respirar ao ar livre.

E assim começou a fazer patinagem, a jogar o volante com «raquettes», bem parecidas com as que hoje se usam para o «tennis».

A seguir veio o «craquet», esse precioso jogo que se presta a conversar, a coquetear, a fazer o que hoje se chama á ingleza «flirt» e a que os francezes chamavam «conter fleurettes».

Jogo que as «coquettes» aproveitavam para fazer valer os seus pézinhos bem calçados, que as longas e rodadas saias, não deixavam quasi avistar.

Em seguida apareceram esses pequenos carros, as «charrettes», que as inglezas, as mulheres que mais cedo, instigadas talvez, pelo seu mau clima, que faz do exercício uma necessidade para manter a saúde em equilibrio, começaram a governar.

Com casacos especiais, envoltas em véus de gaze contra a poeira que lhes sujava o cabelo, elas aí iam nas suas «charrettes», encantadas com essa liberdade tão nova de dispensar cocheiro e de se guiar na vida.

Era então, tão elegante ou mais, guiar uma «charrette» do que é hoje conduzir um automovel das mais modernas marcas, e de linhas aerodinâmicas.

Com os primeiros «tailleurs» que a moda lançou, primeira aproximação da moda masculina, tão diferentes dos que hoje se usam, apareceu o «diavolo» esse jogo de habilidade que permitia as posições graciosas em que podia brilhar um elegante corpo de mulher.

O «tennis» já usado em Inglaterra e praticado por todas as inglezas dessa época que se dedicavam ao desporto, fez a sua aparição entre nós, que timidamente o começámos a jogar.

Mas que diferença existe entre o «tennis» dessa época que se jogava com saias dois dedos acima do chão e aquele que vemos jogar hoje em pijama ou com «short», que é uma ilusão de roupa.

Que diferença entre os gestos que então se consideravam ousados e os saltos das desportistas de hoje, de que Suzanne Lenglen a falecida campeã do «tennis» foi a iniciadora.

Que aqui para nós tais exageros não me parecem convir muito á saúde da mulher, sempre mais frágil que a do homem apesar do que dizem as que apregôam a igualdade dos sexos, mas que a morte de Lenglen na força da vida, depois de várias operações vem demonstrar como uma verdade.

O desporto é da maior utilidade á mulher, mas sem exagero demasiado, e, entre a vida



confinada entre quatro paredes das casas de nossas avós e certos exageros de desporto em competição com homens de grande robustez, há um meio termo de que convirá não afastar muito, se a mulher quer melhorar a sua saúde com o desporto e não com êle deteriorar um dos melhores bens que se pode gozar na vida: a saúde.

Na gravura da esquerda podemos admirar a elegância de Dianne Cooke e Sally Payne, interessantes artistas do cinema, demonstrando as suas habilidades em manejar o arco e a flexa, passatempo muito praticado em Hollywood pelas «estrelas» e que nos recorda os antigos gregos, que faziam disto um desporto interessante e também a temerosa arma de guerra utilizada por êles em tôdas as tremendas batalhas travadas contra o inimigo.

Como podem ver na gravura de cima, há uma grande diferença entre as «toilettes» usadas por Joan Sayers e Lynne Carver, duas lindas artistas da Metro Goldwyn Mayer que demonstram a diferença entre o «tennis» e o «croquet» como jogos que marcam épocas tão diferentes.

Mas se Joan está graciosa na sua «toilette» de «tennis» de um masculinismo marcado, a delicada Lynne Carver está bem mais graciosa empunhando o taco de «croquet» com que certamente vai triunfar no jogo, como na vida triunfará com o seu lindo sorriso a abrir-lhe caminho. Há quem diga que as modas antigas favoreciam mais.

É um erro, todas as modas favorecem desde o momento que sejam femininas, porque o que está provado é que a mulher é tão mais bonita, quanto mais feminina é.

Isto indica que se pratique o desporto, que tonifica o organismo, desenvolve os músculos, torna mais flexível e esbelta a mulher; mas que seja um desporto compatível com o seu organismo e que a não prejudique na sua função natural, a da maternidade.

A mulher foi creada para ser mãe, e não para ser campeã de «tennis».

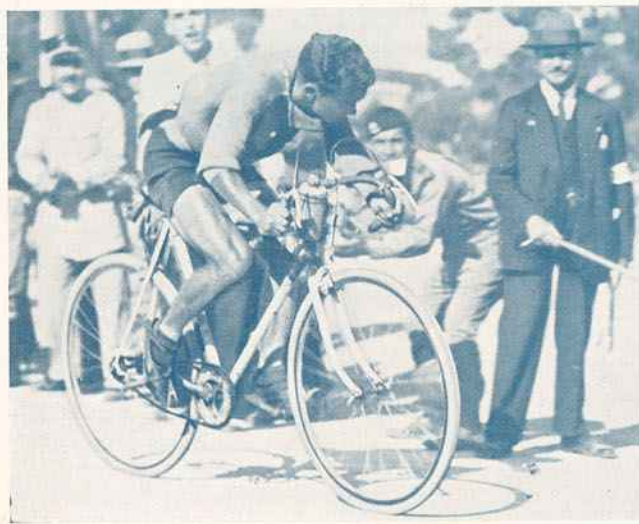
Ar livre e desporto, mas não cansaço e esgotamento da saúde é o que o desporto visto através dos tempos, nos demonstra e marca mesmo até que ponto podemos ir.

E a verdade é que no tempo de nossos avós não se fazia desporto, mas não se contavam entre 90 raparigas 10 que não tivessem sido operadas do apêndice e a verdade é que sempre se teve apêndice e que não consta que fôsse maior a mortalidade da gente nova do que o é hoje.

Aproveitem-se pois estes lindos dias de Setembro para fazer desporto, mas que êsse desporto seja para que a saúde se robusteça e não em competições, que nada provam e que podem estragar a delicada saúde das raparigas de hoje, que serão as mães de amanhã, e que terão de contribuir para uma continuidade da raça forte e destemida dos nossos valorosos antepassados.

MARIA DE EÇA.





Alfredo Trindade, as do ciclismo

A bicicleta, tendo substituído o velocípede, conserva ainda o seu prestígio com afinado zelo. Apesar de ter surgido a motocicleta com tódá a sua velocidade e sem esforço para o ciclista, a bicicleta mantém-se ainda em plena actividade, podendo dizer-se que continua a ser a preferida.

A Volta a Portugal, realizada agora pela 8.^a vez, veio demonstrar que a bicicleta tem fervorosos entusiastas, e há de continuar a tê-los, visto o ciclista poder marcar por êste meio as suas faculdades de destreza e resistência que em motocicleta não poderia fazer reaiçar.

Nestas condições, a bicicleta, com todos os aperfeiçoamentos modernos, não soufre o declínio do velho velocípede que tanto ruído fez no mundo há cento e vinte anos.

E, assim, é natural que a motocicleta não consiga destroná-la tão depressa.

A bicicleta é encantadora pela sua simplicidade, e como tal é utilizada através das províncias como meio de transporte mais prático e mais económico. Uma motocicleta não estaria ao alcance de qualquer aldeão, não só pelo seu elevado custo, como pelo gasto de combustível de que precisa para o seu andamento. Hoje, o ciclista faz na sua bicicleta tudo o que quer, o que não sucedia com o velocípede de outros tempos.

Vem a propósito citar alguns pormenores dessa engenhosa máquina de há cento e vinte anos.

Em 1819, o *Diário de Cádiz* referia-se nestes termos ao velocípede, o antecessor da bicicleta, a que chamava o *veloz andador*:

«Esta máquina original foi inventada pelo barão de Drais, intendente do grão



Velocípedes

duque de Baden, que a descreve da seguinte maneira:

«1.^o—Que, com ela, se pode subir qualquer encosta com o mesmo andamento que um peão por caminho plano.

«2.^o—Que em caminho plano, mesmo que tenha chovido, poderá atingir a velocidade de 6 a 7 milhas por hora, igualando a marcha de um correio.

«3.^o—Que quando os caminhos sejam secos e duros, poderá andar em plano, a uma média de 8 a 9 milhas por hora, que é o velocidade do galope de um cavalo.

«Esta ideia baseia-se na aplicação de duas rodas à acção de um homem andando, e pode comparar-se ao princípio que governa as carruagens. Assim como

EVOCÇÕES

Do velho velocípede

A tradição briga, por

um cavalo, por meio dos tirantes, leva atrás de si com muita maior facilidade qualquer carga do que se a transportasse às costas, do mesmo modo um homem pode transportar o seu corpo por meio do velocípede com muito menor esforço que quando tem que sustentar todo o peso do seu corpo sobre os pés. É bom notar que o velocípede não tem mais largura que a das suas rodas, e qualquer caminho por mais estreito que seja lhe basta. Numa superfície lisa e dura, a rapidez do velocípede assemelha-se à alcançada pelo patinador sobre o gelo, e, pôsto em movimento, pode correr um bom bocado de terreno sem que o ciclista tenha de fazer esforço algum.

«Esta máquina não oferece qualquer espécie de perigo, sendo guiada por um ligeiro movimento de dedos. Para a fazer parar, basta que o ciclista apoie os pés no solo.

«Duma simplicidade surpreendente, consiste em duas rodas ligadas por um madeiro sobre o qual assenta um pequeno selim.

«Para aprender a andar em velocípede, deve colocar-se os pés no chão e andar



Uma ciclista do século XX

SAUDOSAS

à bicicleta moderna

vezes, com o Progresso

a largas passadas. Só depois de haver adquirido a suficiente destreza no equilíbrio e condução do velocípede, é que deve começar a correr-se com os pés suspensos e quando a máquina tenha o suficiente impulso.

«O selim pode subir e baixar, o mesmo sucedendo com o guidador, adaptando-se à estatura do caminhante».

Esta descrição era acompanhada de uma gravura elucidativa, duma ingenuidade flagrante, e que foi reproduzida na primeira página do *Diário de la Ciudad de Valencia*, de 8 de Junho de 1819.

Já lá vão cento e vinte anos.

O velocípede tinha então os seus admiradores tão entusiastas que chegou a ser moda organizarem-se cortejos nupciais, indo os noivos, padrinhos e convidados em velocípedes, num verdadeiro prodígio de equilíbrio. Ch. Vernier deixou-nos factos documentados em magníficas aguarelas que são um primor de desenho e de colorido, focando flagrantemente a época romântica.

Depois, o homem sempre ávido em poupar esforços, foi modificando a velha máquina até que chegou à atroadora motocicleta dos nossos dias.

Dai o dizer-se depreciativamente que «a bicicleta é o único veículo em que o animal que o puxa vai sentado».

Nada mais injusto.

A bicicleta é um invento engenhoso que oferece mais vantagens que a motocicleta. O ciclista conduz-se sem grande esforço e não dá cabo dos rins como sucede na motocicleta, segundo os mais abalitados testemunhos.

Além disso, haverá coisa mais incómoda que o ruído enervante e ensurdecador duma motocicleta que passa junto de nós, dando a ideia duma metralhadora que nos fuzilasse impiedosamente?

Nem sempre as inovações do progresso são as preferíveis, e a motocicleta é uma prova flagrante disso.

Em que é superior a motocicleta à bicicleta moderna? Em ser mais rápida? Em poupar esforço ao ciclista? A nosso ver essas vantagens não suprem a leveza, a comodidade e a economia que a bicicleta nos oferece.

Demanda um pequeno esforço, é verdade, mas êsse mesmo esforço é salutár, pois constitui um belo exercício físico.

Para veículo em que o seu condutor se transporte em plena inactividade, en-



Uma boda em velocípede — por Verner

tão procure-se o automóvel que se equilibra e anda por si...

Já agora, vem a propósito evocar os belos passeios em noutros tempos se davam aos pitorescos arredores de Lis-



O velocípeda primitivo

boa nas saudosas típicas de guizeiras. Hoje vai-se às touradas em automóveis de boa marca, mas a festa, com tudo isto, perdeu a sua característica e a sua bela tradição.

Por êste andar, as esperas de toiros que tantos entusiastas tiveram no século passado — e têm ainda hoje — virão a ser feitas segundo as regras modernas, isto é, metendo os bichos em camionetas em forma de elegantes *limousines* que deslizariam suavemente até à praça por entre filas de povo que acorreria como para ver um cortejo cívico.

A lida poderia ser feita em estilo moderno também.

O cavaleiro passaria a ser motorista. Em vez de montar um cavalo único como manda «a arte de bem cavalgar em tódá a sela» empunharia o volante dum automóvel de categoria, montando assim trinta cavalos ao mesmo tempo...

Como se vê, há coisas que o progresso não pode modificar, sob pena de as matar por completo.

Felizmente que a mentalidade popular assim o entende, e daí o entusiasmo que manifesta sempre que se realiza uma grande prova ciclista como a Volta a Portugal. Seguindo o critério moderno, essa poderia ser feita em motocicleta. Mais rápida talvez e não daria margem a desistências.

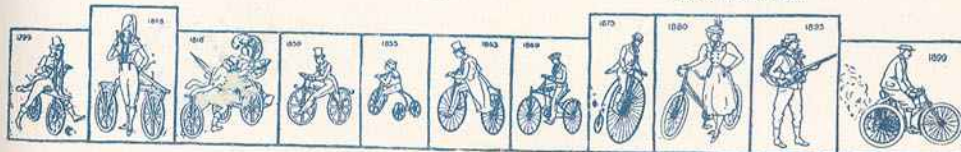
Mas como poderia o corredor paten-tear as suas excepcionais qualidades?

No campo desportivo seriam banidas tódas as provas que tivessem sabor antiquado como as regatas à vela e a remo, visto os barcos movidos a gasolina correrem mais e serem de mais fácil condução. Concursos hípicas para quê?

A meta seria atingida mais facilmente por um bom automóvel. Saltos em altura? Outra velharia que os aviões suplantam em admiráveis exercícios acrobáticos.

Terminaria todo o esforço físico em que o homem patenteia os seus dotes de robustez para surgir o esforço motorizado.

Eis porque, evocando a época do velocípede, sentimos saudades, e nos compenetrámos cada vez mais que a velocidade que a vida moderna tomou, nos levou tódá a pouca felicidade que ainda existia no mundo.



A evolução do velocípede

ALÉM-FRONTEIRAS



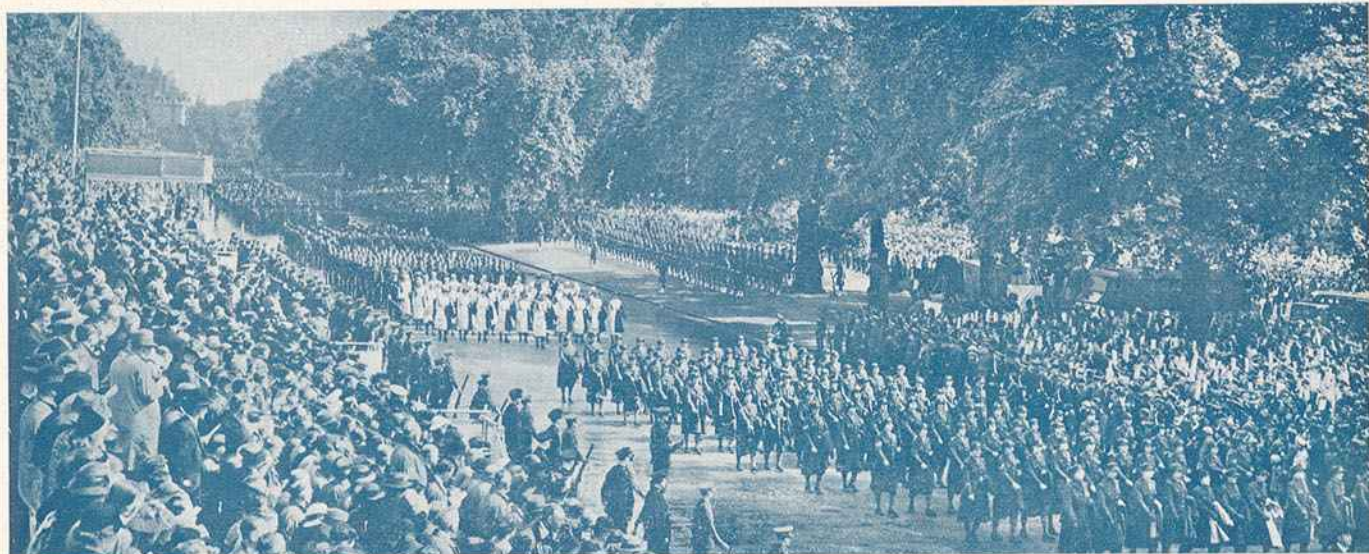
Erhard Weiss, alemão (ao centro) e Hodges, inglês, (à esquerda), os dois primeiros classificados no campeonato de natação Inglaterra-Alemanha, com a inglesa Miss Slade.



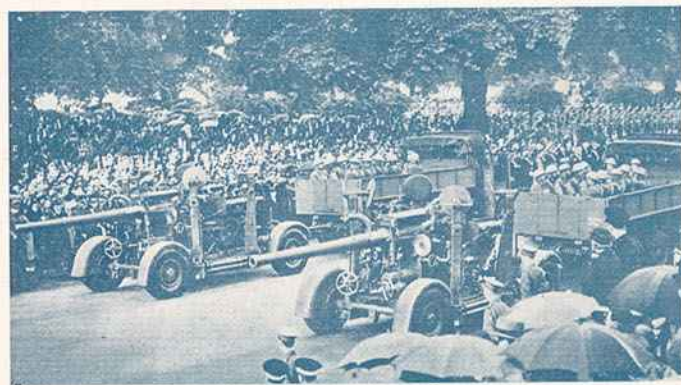
Um sugestivo aspecto de Grossglockner onde passa a estrada dos Altos Alpes, pela qual se fez uma corrida de automóveis cujo primeiro prêmio coube a Hermann Lang



O aviador Gabler que bateu o *récord* mundial em monoplanos, percorrendo 1915 quilômetros, com um consumo de 160 litros de combustível



As mulheres não deixaram de cooperar no formidável rearmamento inglês. Eis um aspecto do desfile das jovens do *National Service* em Hyde Park, em Londres, em que demonstram o garbo e espírito militares de que estão possuídas



Outras fotos flagrantes do rearmamento da Grã Bretanha: Uma bateria de canhões anti-aéreos das colunas motorizadas do exército passam à esquerda perante o interesse de milhares de pessoas. A direita: Por entre o entusiasmo da multidão, desfilam marinheiros da reserva—*Royal Naval Volunteer Reserve*

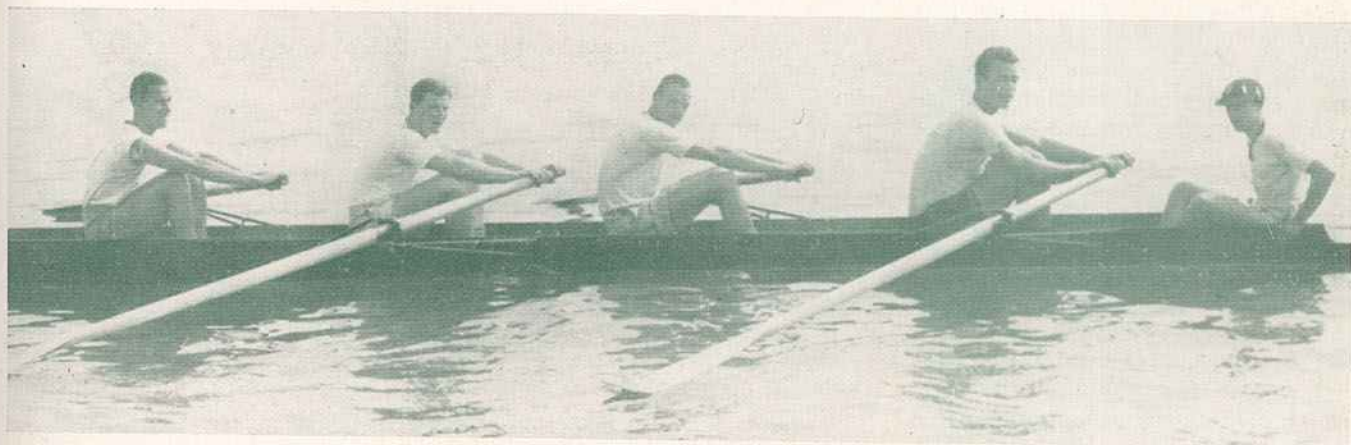
NOTAS DA QUINZENA



Os «Cadets de France», simpáticos rapazes que em excursão vieram a Portugal, visitam a colónia de férias da F. N. A. T., na Caparica (à esquerda) e escalam na Serra da Estrêla o ponto mais alto de Portugal, a «Torre» (à direita)



Um aspecto da visita dos «Cadets de France» ao ilustre ministro do seu país sr. Améc Leroy. — A' direita : O rev. Paulo Doncoeur, chefe da excursão, conversa com o sr. dr Carneiro Pacheco



Têm já fama as regatas internacionais que anualmente se realizam na linda praia da Figueira da Foz. Eis a equipa inglesa pertencente ao London Rowing Club, que ganhou a «Taça Salazar»



O francês Dussé, primeiro detentor da camisola amarela

A Volta a Portugal em bicicleta fez rodopiar em torno das suas peripécias e durante vinte dias todo o interesse desportivo do país.

A prova deste ano, de moldes inteiramente diferentes do passado e um tanto arrojada nalgumas disposições, foi coroada de êxito incontestável e que não pode ser amesquinhado pelos comentários suspeitos dos adversários averiguados de toda a iniciativa alheia.

A maior novidade introduzida na orgânica da 8.ª Volta, novidade absolutamente inédita em qualquer parte do mundo, foi o sistema de acampamento para os corredores e acompanhantes oficiais. O resultado excedeu largamente a nossa expectativa e, nos capítulos alimentação e facilidades de convívio foi surpreendente; apenas no que se refere ao conforto das camas apresentou algumas deficiências, aliás fáceis de remediar e que após alguns dias de experiên-

cia foram remediadas. Serviu de pretexto a interpretações diversas o facto dalguns corredores terem preferido dormir nos hotéis, mas é conveniente esclarecer que muitos o fizeram apenas pela necessidade de utilizarem banhos quentes de imersão que o acampamento não podia fornecer.

Joaquim Fernandes, António Bartolomeu e José Albuquerque, três das figuras predominantes na corrida dormiram sempre na barraca e mostraram-se encantados com a instalação.

A determinação regulamentar que partia em dois troços a etapa diária, com horas de repouso a meio da tarde para ser servido o almoço, impoz à corrida muito maior dureza, o que explica o número excepcional de desistências; mas trouxe em contra-partida a vantagem dos percursos de menor quilómetros, para os quais os ciclistas se lançavam com



Cabrila Mealha, que converteu a camisola amarela de São Faço de Casem até Amarante

mais decidido entusiasmo e donde provém a média geral de velocidade este ano verificada.

A participação de corredores franceses e espanhóis foi ainda outro motivo de expectativa, e embora os resultados falhassem inesperadamente pelo abandono prematuro da quasi totalidade dos estrangeiros. Apenas um dos franceses, Lesguillons, concluiu o percurso em classificação secundária, mas os seus dois companheiros foram vítimas de desastres que lhes não permitiram pôr em evidência a sua classe indiscutível, sobretudo Renato Dassé que pelas suas insinuantes qualidades de trato conqui-

A QUINZENA DESPORTIVA

tiu todas as simpatias e merece o título de figura mais popular da caravana.

Dos espanhóis não pode dizer-se o mesmo; valor desportivo fraco e comportamento pouco atraente, abrindo excepção para Martin, o único que deixou saudades. Se, para futuro, quizerem os organizadores repetir a internacionalização da prova, deve haver maior cautela na escolha dos convidados, evitando aceitar os primeiros que sejam impingidos pelos intermediários.

Demétrio Vicente foi uma grande lição.

★

Este troço de caminho que nos trouxe até às serras algarvias pela banda do Ocidente liga-se em nossa memória a pouco saídas recordações da pior estrada do percurso que pela primeira vez acompanhámos em 1952.

O que outrora era simples carreiro, marcado talvez pela repetida passagem de veículos em trilhos de capricho ocasional é porém, agora, estrada autêntica, rasgada na região pela vontade estudada do homem; mas acontece ainda que o piso mal preparado se apresenta coberto por espessa camada de poeira, uma poeira vermelha, tenuíssima, gerada nos resíduos da terra calcinada e morta à míngua de água, e que envolve os viandantes em nuvens sombrias, se infiltra nos pulmões, cola aos olhos, adera à pele, transformando em calvário as horas gastas a percorrer este país da sede,



Aguilar Martins, que vestiu a camisola amarela durante a etapa de Amarante a Matosinhos

DESPORTIVA

onde se não encontra sequer a frescura duma sombra verdejante.

No entanto, que enorme esforço traduz aquilo que já existe feito! Ao passarmos sobre a magestosa ponte que transpõe a Ribeira do Sol Pósto, recordávamos o tempo, seis anos atrás, em que os carros atravessavam a vau o curso de água e tínhamos que nos aprear para os ajudar, empurrando, a subir as encostas, cujo solo, sem preparação, se esborroava debaixo da acção tractora das rodas.

Desde o Cercal e até que encontremos o reconforto do rio de Odemira, a paisagem é torturante de isolamento e segura; não se avista um casal, não se encontra viv'alma.

A escassa vegetação que se agarra ao terreno em desesperado anseio de viver, perdida a verdura sob espessa camada de pó, não consegue alegrar o desolador aspecto do panorama; as colinas rasgadas a ferro pelo traçado da estrada mostram seu flanco rubro, que parece sangrante das feridas recebidas — e se volvermos o olhar à retaguarda, o trajecto percorrido assinala-se pelo rasto nebuloso de poeira suspensa no ar e que a calmaria conserva até que o tempo a force a repousar de novo no mesmo sítio donde a levantara a passagem importuna das bicicletas e automóveis.

Nestas circunstâncias ajuíza-se quanto

merece ser admirado o esforço estoico dos ciclistas, o valor da proeza imposta pela marcha insistente dos primeiros, a coragem firme daqueles, vítimas do destino ou menos valorosos, que foram ficando para traz e nunca esmoreceram no propósito de perseguição.

Para todos, sobretudo para os menos felizes, o ingresso no Algarve risonho foi a chegada à Terra da Promissão. Mudança formal; a vista alcança sempre, à direita ou à esquerda, os perfis muito alvos das casotas de um piso, orgulhosas das típicas chaminés rendilhadas, a espreitarem para a estrada dentro o figueiral viçoso, cujas árvores rastejantes parecem unir à terra suas ramadas fecundas para não esconder ao olhar a formozura dos horizontes.

★

Percorrido o Algarve, cuja passagem ficou assinalada por um lamentável desastre que eliminou dois dos mais valerosos e populares concorrentes, investimos a travessia da planura alentejana onde o calor castigou a comitiva durante as dezenas de quilómetros de estrada na qual nem a mínima sombra de árvore se vislumbra; Castro Verde, Beja, Évora, Estremoz, Elvas, Portalegre receberam com entusiasmo, tão caloroso entusiasmo como cálida era a temperatura do ambiente, os peregrinos ciclistas, que de dia em dia seguiram seu caminho, fugindo para as Beiras, para a magestosa região transmontana, para o fresco e risonho jardim minhoto.

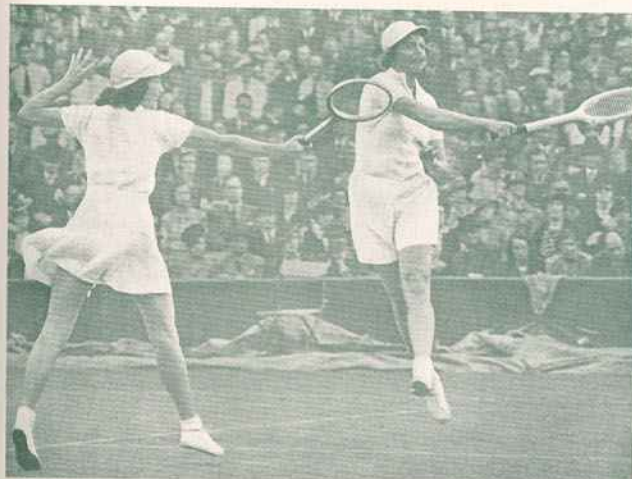


Joaquim Fernandes, que converteu a camisola amarela em Matosinhos e não a largou até Lisboa

Foi aqui, na pitoresca região que abrange a famosa Amarante, Vila do Conde e a histórica cidade de Guimarães que se passou o golpe de teatro há tanto esperado mas que tomou uma feição emocionante pela rapidez das decisões provocadas e pela multiplicidade e episódios que apresentou.

A descida vertiginosa de Cabrita Mealha passando em vinte e quatro horas de detentor em camisola amarela para o décimo segundo lugar é um caso típico do péso da fatalidade. Mealha foi desapossado do primeiro posto pela insuficiência do seu comportamento nas descidas perigosas; o Marão foi-lhe fatal sem apêlo viável, mas o atraso de tempo por esse motivo originado resumia-se a escassos minutos e não o alheava da hipótese duma desfora posterior.

Nas duas estradas do dia seguinte, porém, o valoroso corredor belenense sofreu duas avarias graves nas bicicletas que montava e perdeu brutal e injustamente mais de meia hora, êle que durante mil quilómetros não perdera mais do que segundos contra a coligação dos adversários.



Uma harmoniosa alíada das tenistas americanas Marble e Fabryan vencedoras das provas femininas no torneio de Wimbledon

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguíer; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinhã; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

RESULTADOS DO N.º 36

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 16)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Siulno, Nuninho, Castela, Dado, Alvarinto, Édipo, Fosquinhas, Hanibal, Jorubasil, Lérias, Ricardo, Soba da Torre, M.^{me} Lérias, Miss Sporting e Já Mexe — 16

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, Dr. Sicascar, Sevla, Francisco J. Courelas e Mirna — 14. Agasio, Ramou Lágrimas, Sol de Inverno, Dama Negra e Calaveras — 12. Cigano, Tarata, Anjo das Serras, Visconde X, Diriso, J. Tavares, Neptuno e Aristofanes — 10. Fra-Diávolito, D. O. X., Aureolinda, Olívia, Dóris I e Jónio — 8. Um Misterioso — 11

DECIFRAÇÕES

1 — Bem-querença. 2 — Nascimento. 3 — Pe-le)ja. 4 — Semente. 5 — Alerta. 6 — Inodado. 7 — Inopia. 8 — Quebradamente. 9 — Quebrado. 10 — Ca(so)la. 11 — Ca(chi)ço. 12 — Pe(no)so. 13 — Amar(gu)rado. 14 — Lu(ji)sa. 15 — Pescoço. 16 — Levanta-te às seis; almoça às dez; janta às seis; deita-te às dez e viverás dez vezes dez.

DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS

DECIFRADORES DO 1.º CONCURSO TRIMESTRAL

1.º Prémio..... Siulno
2.º » Dr. Sicascar
3.º » M. A. P. M.

DECIFRADORES DE PALAVRAS CRUZADAS

Problema do «Desporto» n.º 33 — Dado.
» » » 34 — Um Misterioso.

As nossas felicitações aos beneficiados pela sorte.

CONCURSOS TRIMESTRAIS

Com o próximo número termina o 3.º concurso trimestral desta secção. Possivelmente nele daremos já o resultado, para produtores, dos trabalhos respeitantes ao 2.º.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Ouvei dizer outro dia
— Será certo o que se diz? —
Que Raimunda não fazia
O seu marido feliz. — 3-4 5-2

Pois é certo! O maridinho
— Que dá pelo nome de Átio —
Foi dar com ela e o vizinho
Aos beijinhos lá no pátio. — 8-6-7-2

Céus!... Foi tamanho o banzé
Ao ver a honra perdida
Que ferveu taponá até...
Entornar bem a «medida». — 2-7-1-8

Depois ainda não contente
Deu-lhe com um marmeleiro
E uma esfrega bem potente
Com tal seiva de pinheiro. — 3-6-1-8

No fim disse: — Meu ladrão
Isto foi coisinha lenta
Mas se tornas... isso então
Levas 'té fumar a venta.

Leiria Magnate (L. A. C.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 45

SINOPADA

2) Um aviso muito urgente
Mande agora ao gerente
Da minha repartição,
Pois rapinaram-lhe o filho
Que metido num sarilho
O levaram p'rá prisão. — 3-2

Leiria Magnate (L. A. C.)

ENIGMA

Para ti!

Idéas presentes — Realidades futuras???

3) Oh! A base imortal, dum qualquer pensamento,
a chave duma vida, a alma duma idéa,
é — que subtil visão! — o fulgor dum momento,
que nos anima, ampara e que nos incendeia!...

Ai! Ora, ora sem fim, erguendo a tua voz!
Ao contrário não sei, o que será de mi!
Alma, fé, orações: — medita, pensa em nós...
para um dia, talvez, poder pensar em ti!

Ó Santa Natureza, aureolada de amor,
que irradias a luz, que só benções nos rende!
tudo de ti provém — a tudo dás a cor,
tudo p'ra ti sorri — tudo de ti depende!

Numa miragem d'oiro, excelsa, pura e louca,
um beijo leviano, eu dou na tua bôca!

Lisboa Adeusinho (L. A. C.)

ADITIVA (antigas)

4) Não tiro da minha ideia — 2
De que um dia has-de ser minha...
Meu coração só aneia
Por tal sorte, que adivinha!...

Desta maneira, se esteia — 1
Nessa esp'rança, e acarinha
Esse amor, que numa teia
O perturba e o define!

E vai vivendo a pensar
Que esse dia ha-de chegar,
Pois o teu olhar lh'o diz...

25) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)



Leiria Magnate (L. A. C.)

E sentindo-te distante,
Na sua fé dominante,
Nem vê que é tão infeliz!...

Lisboa Lérias (F. L.)

TRABALHOS EM PROSA

ADITIVAS (novíssimas)

(Agradecendo ao nosso Director «Ordisi» a sua cativante homenagem — «Desporto» n.º 37

5) O *amor* de «mulher» charadista é sublime e encerra sabedoria. 2-3.

Luanda Ti-Beado

6) Para o inferno não iria se minhas culpas examinasse. 3-1.

Lisboa Mirones

7) Satisfaz a tua noiva, palerma! Faz-lhe umas festinhas no queixo e verás a sua alegria. 3-2.

Luanda Mr. Le Bossat

8) Não é alegre a vida daquele que não vê. 1-1.

Lisboa Alguém

9) Com um chocalho ao pescoço e nó na garganta, foi hoje preso um vadio. 2-2.

Luanda Ti-Beado

10) A mitologia da deusa dos vulcões, então não se discute? 2-1.

Lisboa Castela

11) Devora, com duração, a gorgeta. 2-2.

Lisboa Soje Tansos

12) Só te será concedido o indulto, uma vez que minha «mulher» intervenha nisso. 2-1.

Luanda Dr. Sicascar

ENCADEADAS (Mefistofélicas)

13) Se tiver ocasião de aplicar o meu «invent» dou cabo do diabo. (2-2)3.

Luanda Enigmático.

14) Namorei na exuberância da vida para dela tirar algum proveito. (2-2)3.

Lisboa Adeusinho

15) Quem revê o seu passado, cheio de ilusões perdidas, fica entristecido. (2-2)3.

Lisboa Siulno

SINOPADAS

16) A terra fértil torna viçosa a flor. 3-2.

Lisboa Mirones

17) No meio da desordem fui ferido com um espinho. 3-2.

Luanda Um Misterioso

18) Se não mede com perfeição dou-lhe uma lição. 3-2.

Lisboa Nuninho

19) O fadista canta com perfeição. 3-2.

Lisboa Alvarinho

20) Loquacidade! Eis o que jamais falta à «mulher»! 3-2.

Lisboa Mora-Rei

21) Quem transgredir nesta pequena aldeia é castigado. 3-2.

Luanda Um Misterioso

22) De indivíduo mentiroso ou gabarola, toda a gente se defende. 3-2.

Algés Marcolim

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Foi pedida em casamento pelo sr. Dr. José Caetano da Mata, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros, reitor da Universidade de Lisboa e administrador do Banco de Portugal, para seu filho Basílio Freire Caetano da Mata, distinto engenheiro, a sr.^a D. Margarita G. Fierro y Viña, filha do conhecido financeiro do país vizinho, sr. D. Ildefonso G. Fierro y Ordoñez, grão-cruz da Ordem do Mérito Industrial.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

— Na residência em Seia do procurador à Câmara Corporativa, sr. António Marques da Silva, foi pedida em casamento sua neta, sr.^a D. Maria das Dóres Calixto Marques da Silva Simões Pereira, gentil filha da sr.^a D. Maria da Glória Calixto Marques da Silva Simões Pereira e do falecido médico sr. dr. António Simões Pereira, para o sr. José Guilherme Pessoa Pereira.

O pedido de casamento foi feito pelos pais do noivo, sr.^a D. Aurora Braz Pessoa Pereira e seu marido o sr. capitão Manuel Pereira.

— Na paroquial igreja do Sagrado Coração de Jesus, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes de Barros Belmarço, gentil filha da sr.^a D. Maria José de Barros Belmarço e do sr. Hugo Navarro de Andrade Belmarço, com o sr. D. Fernando de Melo e Castro (Pernes), filho dos srs. Viscondes de Pernes.

Serviram de padrinhos os srs. Condes das Antas e dr. Manuel Côrte Real e de madrinhas as sr.^{as} D. Stela Belmarço da Costa Santos e a mãe da noiva.

Finda a cerimónia que foi presidida pelo rev. prior da freguezia, o qual fez uma brilhante alocação aos noivos, foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva, findo o qual os noivos seguiram para o norte, em viagem de núpcias.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Na paroquial igreja de S. Mamede, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Antónia Moreira Abrantes Sátúrio Pires, gentil filha da sr.^a D. Amélia Laura Moreira Abrantes, já falecida e do sr. Eurico Sampaio Sátúrio Pires, com o sr. dr. Raul de Chaby Sátúrio Pires, filho da sr.^a D. Fernanda da Costa Chaby e do sr. Raul de Sampaio Sátúrio Pires.

Foi celebrante o rev. Eurico Chaby Sátúrio Pires, irmão do noivo e primo direito da noiva, e serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu pai e sua irmã, sr.^a D. Maria Amélia de Sequeira Braga, e por parte do noivo, a sr.^a D. Maria Luíza Machado e o sr. dr. Mário Machado.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa do pai da noiva.

Aos noivos foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Eva Nunes de Sousa Santos, gentil filha da sr.^a D. Guilhermina Sousa Santos e do sr. Júlio César dos Santos, já falecido, com o sr. Raul da Silva Diogo, filho da sr.^a D. Ester Rodrigues da Silva Diogo e do sr. Manuel Diogo Júnior, já falecido.

Serviram de padrinhos da noiva o sr. Alfredo de Assunção Coutinho e sua esposa, sr.^a D. Conceição Fonseca Coutinho, e por parte do noivo, seu irmão sr. Angelo Diogo e a sr.^a D. Maria Antónia dos Santos.

Depois da cerimónia foi servido um fino lanche em casa do tio da noiva, sr. Alfredo da Assunção Coutinho.

Aos noivos foram oferecidas muitas e valiosas prendas.

— Pelo sr. António Ferreira Soeiro, foi pedida em casamento para seu filho José Henriques, a sr.^a D. Maria Lúcia Amarel Quirino, gentil filha da sr.^a D. Maria da Glória Amarel Cabral Quirino e do sr. João Quirino Saraiva, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Pela sr.^a D. Laura Meireles Dias e seu marido sr. José Cândido Dias, foi pedida em casamento para seu filho José Eduardo, a sr.^a D. Maria Luíza Vicent de Sousa Veiga, gentilíssima filha da sr.^a D. Carmen Vicent de Sousa Veiga e do sr. Luis Veiga.

O casamento deverá realizar-se brevemente.

— Para o sr. António Guimarães Vale foi pedida em casamento a sr.^a D. Ester Duarte Alçada, gentil filha do sr. capitão José Mendes Alçada.

O pedido foi feito pelo rev. José Garcia, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Por seu pai, sr. dr. Acácio Rufino de Sousa Freire Pimentel, foi pedida em casamento para o sr. Armando Lopes Pimentel, a sr.^a D. Maria Amélia da Cruz Frias Ferreira, gentil filha da sr.^a D. Maria José Anjos da Cruz Ferreira e do sr. José Frias Ferreira.

O casamento deverá realizar-se ainda este ano.

— Foi pedida em casamento a sr.^a D. Maria Izabel Tadeu de Almeida Ribeiro Laranjeira, gentil filha da sr.^a D. Maria Joaquina Tadeu de Almeida Ribeiro Laranjeira e do sr. Alberto Raposo Laranjeira (já falecido), para o sr. António Gomes Coelho, filho da sr.^a D. Maria Josefa Gomes Coelho e do sr. Miguel Coelho.

O casamento deverá realizar-se em Dezembro próximo.

— Pelo ilustre professor sr. dr. J. A. Pires de Lima, foi pedida em casamento para o sr. dr. João Filipe Ferreira, a sr.^a D. Maria de Lourdes Pery de Linde Guerreiro de Amorim Peixoto da Cunha e Silva, gentil filha da sr.^a D. Mariana Peixoto da Cunha e Silva e do sr. dr. António Alves da Cunha e Silva.

A cerimónia religiosa deverá realizar-se brevemente.

— Pela sr.^a D. Brígida da Costa Proença, viúva do sr. dr. José Proença, foi pedida em casamento para seu filho, sr. dr. José da Costa Proença, a sr.^a D. Maria dos Anjos Galvão, gentil filha da sr.^a D. Amélia Barata Galvão e do sr. coronel Lopes Galvão.

A cerimónia deve realizar-se em breve.

— Pelo sr. Capitão João Correia da Fonseca, foi pedida em casamento para seu filho, sr. Adérito Santos Correia da Fonseca, a sr.^a D. Maria do Carmo Faria de Almeida, gentil filha da sr.^a D. Maria Faria de Queiroz e do sr. João de Faria de Almeida Soares.

O casamento deve realizar-se em breve.

— Na paroquial igreja de Vale, concelho de Arcos de Valdevez, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Tomazia Pereira Coelho Ramos, gentil filha da sr.^a D. Rosa Pereira Coelho e do sr. António José Gonçalves Ramos, com o sr. Manuel Gama Pereira Pimenta de Castro, filho da sr.^a D. Adélia Clementina Arriscado de Azevedo da Gama Pimenta de Sousa e Castro.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua cunhada, sr.^a D. Maria Adélia da Gama Pimenta de Castro e o sr. dr. José de Sousa Guimarães, e por parte do noivo, sua mãe e seu tio, sr. coronel Gonçalo Pereira Pimenta de Castro.

Finda a cerimónia religiosa foi servido, em casa da família da noiva, um esplêndido banquete.

Aos noivos, que foram passar a lua de mel para a sua Quinta do Rio Alto, foram oferecidas lindas e valiosas prendas.

— Para o sr. Guilherme Paulino Pinto Guimarães foi pedida em casamento por sua mãe, sr.^a D. Paulina Guimarães Pinto, viúva do sr. José Pinto de Sousa e Castro e por seu irmão, sr. José Paulino Pinto Guimarães, a sr.^a D. Fernanda Augusta da Silva, gentilíssima filha da sr.^a D. Laura de Jesus Silva e do sr. António Maria Augusto da Silva.

O casamento deverá realizar-se brevemente.

— Pelo sr. dr. Angélico Sequeira Carvalho, foi pedida em casamento para seu irmão, sr. Domingos Roquete de Sequeira Carvalho, a sr.^a D. Benvenida de Assunção Brito Ramos, gentil filha da sr.^a D. Hermengarda Brito Ramos e do sr. António Brito Ramos, já falecido.

A cerimónia deve realizar-se brevemente.

— Na maior intimidade, realizou-se na paroquial igreja de Santos-o-Velho, o casamento da sr.^a D. Elvira Antunes Pinto Braz, interessante filha da sr.^a D. Izaura Augusta Pinto Braz e do sr. Alfredo Antunes Braz, com o sr. Pedro Guilherme Rebelo Plantier Martins, filho da sr.^a D. Balbina Rebelo Plantier Martins e do sr. Guilherme Plantier Martins.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Henriqueta Roque Pedreira Plantier, tia do noivo, e D. Maria Celeste Mendes do Amaral, e de padrinhos os srs. dr. José Miguel Roque Pedreira, tio do noivo e Armando Figueira Curado.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um lanche em casa dos pais da noiva.

Aos noivos foram oferecidas lindas prendas. — Pelo sr. Francisco Ferreira dos Santos Nogueira e sua esposa, sr.^a D. Ermezinda de Oliveira Nogueira, foi pedida em casamento para seu filho, 2.^o tenente sr. Carlos dos Santos Nogueira, a sr.^a D. Maria Celeste Marques Delgado, gentil filha da sr.^a D. Celeste Marques Delgado e do sr. Manuel Delgado.

O casamento deverá realizar-se este ano.

— Realizou-se há dias o casamento da sr.^a D. Maria Inez Freire dos Santos, com o sr. Manuel António Afonso Lages.

Foi celebrante o rev. padre dr. Cruz Gomes, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa dos pais da noiva, sr. Manuel Mendes dos Santos e D. Firmina Freire dos Santos, após o qual os noivos vieram fixar residência em Lisboa.

Aos noivos foram oferecidas muitas e valiosas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Emília Fortunato Correia de Barros, esposa do sr. Padeiro Correia de Barros. Mãe e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.^a D. Maria da Luz de Melo e Faro Passanha, esposa do sr. D. Diogo Vilhena Maldonado Passanha e filha dos srs. Condes de Monte Real.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Deu à luz uma interessante criança do sexo feminino a sr.^a D. Maria Francisca Pinto da Costa Leite de Sá Carneiro, esposa do sr. dr. José Gualberto de Sá Carneiro.

Mãe e filha estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Maria Mondim, esposa do sr. Augusto Mondim.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Na sua Quinta, em Rio de Mouro, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Luíza Gonçalves Luz Cunha e Castro, esposa do sr. dr. Alfredo Cunha e Castro.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Laura Malheiro Lopes da Cruz, esposa do sr. dr. Justino da Cruz.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Arminda da Silva Rola, esposa do sr. António Marques da Silva Rola.

Mãe e filho estão felizmente bem.

Baptizados

— Na paroquial igreja de Santa Maria de Belém (Jerónimos), realizou-se o baptizado de um gentil filhinho da sr.^a D. Laura Menezes Correia Lápido e do sr. Américo Jorge Burnett Lápido, sendo celebrante o rev. prior Monsr. Gonçalo Nogueira.

Foram padrinhos o sr. Amílcar do Vale de Almeida e sua esposa, sr.^a D. Júlia Madeira Branco de Vale de Almeida.

A gentil criança foi dado o nome de Jorge António.

— Na paroquial igreja de S. Lourenço realizou-se o baptizado do menino José Júlio Correia Maia, gentil filhinho da sr.^a D. Amélia Correia Maia e do sr. José Ferreira Maia Júnior.

Serviram de padrinhos os srs. dr. Mario das Neves e Orlando José Maia Figueira, e de madrinhas as srs. D. Maria da Ascensão Pinto Araújo Neves e D. Maria Emília Peres Maia.

— Realizou-se o baptizado de um gentil filhinho da sr.^a D. Matilde Vieira da Silva Moura, se do sr. capitão Luiz de Moura.

A gentil criança, a quem foi dado o nome de Luiz Maria, serviram de padrinhos o sr. Eurico Monteiro de Andrade e sua esposa.

D. NUNO



pletas, sobre as Colônias de férias das escolas primárias da França. É interessantíssimo ver como todas as escolas primárias têm direito às Colônias de Férias e como são cuidadosamente escolhidas as crianças, para as Colônias da beira-mar, da montanha, ou da planície, segundo o seu estado de saúde, e, também segundo o meio em que vivem. As crianças que vivem à beira-mar e nessa planície da região mineira do Norte da França, são mandadas para as Colônias de Férias da Saboia, grande altitude, altitude média, ou vale, segundo o que o seu estado físico exige.

Esta maneira de organizar é da maior inteligência porque está pensado para o viver contínuo num clima marítimo acaba por faltar, como falta a montanha sempre. E todos os climas, que têm a qualidade de retemperar, tornam os organismos fracos, são estimulantes difíceis de suportar com a continuidade.

São muitas as colônias, e, as crianças passam nelas dois meses completos, porque só assim dão todo o resultado necessário. A primeira temporada é para aclimatar e só a continuação dá o resultado de fortalecer, que é o que se espera da mudança de ares. Foi-me dado assistir à partida das crianças que do Norte, da beira-mar e do Paris e seus arredores partiram para a Saboia, onde há várias Colônias.

As três mil crianças que em 10 partiram da Gare de Lyon iam para Annecy, grande altitude, Villefranche, altitude média e Saint Pierre d'Albigny no vale.

Parecerá que seria confusa uma partida de trez mil crianças, que em comboio especiais saíram das oito horas da noite até às dez e meia, da mesma parte.

Para honra da organização e direção dessas Colônias, devo dizer que não houve a mais pequena confusão. Algumas dessas crianças viajavam desde manhã, vindas de longínquas regiões do Norte, eram acarinhadas e consoladas pelas vigilantes, enfermeiras diplomadas e directoras. Muitas dessas crianças choravam com saudade dos pais de quem se tinham separado; não ouvi uma palavra de impaciência ou de aborrecimento, mas sim o maior carinho para com as que manifestavam essa sensibilidade de alma.

E em sucessivos comboios que em grandes lotesiros indicavam a Colônia que levariam e que para eles se dirigia em forma de lotesiros idênticos, levados como estandarte, saíram de Paris trez mil crianças, que enchiam os dois enormes cais dessa grande gare de Lyon, sem que fosse interrompido nem prejudicado o serviço dos grandes comboios que de ali partem para a Itália, para a Suíça e para o Sul da França.

A alegria das crianças que já lá tinham estado outros anos ao assistir as directoras das suas Colônias, a sua confiança, demonstravam o resultado que dá a organização perfeita destas Colônias. Uma das várias pequenitas com quem falei disse-me: "Sou da Bretanha mas dou-me muito bem na montanha; o ano passado engordei sete quilos."

E como ao ver a partida dessas crianças eu sonhava para as crianças do meu país essas partidas em grande massa, para que não houvesse uma só criança que não tivesse pelo menos, um mez de bom ar, segundo o que o seu estado de saúde indicasse, bom alimento e bom tratamento! E não houvesse caras tristes de crianças, estioladas pelo ar empastado das cidades, que no verão se tornam insupportáveis brazileiros, e pela falta de alimento sem o qual não se podem desenvolver, nem viver!

As pobres crianças que vivem na miséria e na tristeza podem que se lhes dê ao menos um mez de alegria e bem estar durante o ano.

MARIA DE EÇA

A MODA

A moda em 1939, nas duas primeiras estações, primavera e verão, pode dizer-se que tem sido uma revista das modas passadas. Principalmente à noite nas grandes «toilettes» de baile, podemos asseverar que temos assistido a uma renovação de todas as épocas, predominando contudo o baço do segundo Império, com exatidão se pode afirmar ter tido um verdadeiro sucesso nestas duas estações.

O tule que tanto se presta para esses vesti-

PÁGINAS FEMININAS

dos tem tido uma extração que significa bem a sua voga.

Nas últimas festas que em Paris se deram antes da debandada geral, para as variadas vilegiaturas, foram notadas várias «toilettes» de noite em tule e renda cor de rosa, branco e preto. Viam-se também alguns contrastes em cores, como por exemplo um vestido em muselina cor de cereja, guarnecido a rendas cica-men ou liláz pálido.

Estas duas cores nos parece impossível



que possam ligar bem, á luz electrica fundem-se num harmonico colorido do melhor efeito.

As luvaz são facilitadas; tanto se vêem as luvaz até no ombro em pelica ou «Stades» claras ou escuras, como as luvaz curtas em renda ou crochet com os punhos guarnecidos de renda.

Algumas elegantes ostentam os braços e as mãos nus, apenas guarnecidas com um anel de prego e pulseiras, muitas pulseiras, que estão de novo na moda.

As sandalias substituíram os sapatos de setim, mas algumas elegantes continuam a usá-los.

Nesta época do ano a moda divide-se em vestidos de dia e «toilettes» de noite; nada mais se vê.

Damos hoje os últimos modelos de praia e para a praia, «maillo» em azul escuro e branco formando um lindo desenho. Vestido de praia



em crêpe de chine azul e branco para ser vestido sobre o «maillot» duma graça infantil e de grande elegância, e, pode esta «toilette» ser completada com a grande capa azul escura guarnecida a tiras azul e branco que está aos pés dos elegantes manequins. É um conjunto de praia que sai da banalidade e tem o chumbo deste ano bem marcado.

Outro gracioso modelo de praia duma elegância requintada e visto numa das mais elegantes praias francesas é o casaco em «toile d'albêne ciré», em riscas pretas e brancas. Muito gracioso com o seu «punchou», tem a vantagem de ser impermeavel e poder ser usado com qualquer vestido.

Para a noite em praia ou vilegiatura, um elegantissimo «tailleur» de noite em gardaline branca inglesa, para cair com o aspecto da seda.

Seria comprida em «godets» e casaco genero alfaiate com as bandas, os canhões e as algebeiras bordadas tom sobre tom; para dançar pode frisar-se o casaco e por dentro usa-se ou uma blusa em selim branco, ou em orgância transparente que marca bem o aspecto de «toilette» de noite. Este grupo de «toilettes» está-se vendo muito nos Casinos de praia e termas elegantes.

Outro vestido de noite que tem uma grande voga é o que publicamos em ottomana «imprimés», tecido deste ano, que faz os mais alegres vestidos, porque o desenho florido e das cores mais suaves tem o aspecto dum prado na primavera duma ideal frescura.

Estes vestidos não admitem a mais ligeira guarnição porque o vistoso do vestido já os guarnece por completo, e o pesado da seda dá-lhe um aspecto de riqueza. Bastante decado nas costas este vestido tem umas graciosas manguinhas.

O penteado moderno do manequin é guarnecido por um laço em veludo preto que marca a tendência juvenil da moda este ano. É uma graciosa toilette para um Casino de prais «chic»

CÓRES DOS OLHOS

TEM sido notado pelos oculistas célebres a grande modificação, que se tem feito nas cores dos olhos, chegando à conclusão, que dentro em pouco, não haverá olhos azues.

Nem mesmo a Inglaterra escapará a esta regra, apesar de ser um país em que tão vulgares eram os olhos azues.

Esta modificação é produzida segundo os sábios pelo brilho intenso da luz electrica, e, pela leitura das grandes jornais.

Os olhos castanhos suportam melhor do que os azues a luz intensa e a fadiga; e a natureza cumpre a sua obra, adaptando os olhos humanos, ás necessidades da vida moderna.

Nos países de luz intensa foram sempre raros os olhos azues e quanto mais forte é a luz, mais escuros se tornam os olhos. Os olhos dos habitantes dos países meridionais são em geral maiores e muito mais escuros do que os olhos dos habitantes dos países nórdicos.

E assim tendem a desaparecer esses lindos olhos azues, que parecem um bocadoinho de céu e dão ao rosto das mulheres uma graciosa e indefinida expressão de ingenuidade.

HIGIENE E VELHICE

A maioria das senhoras tem o pavor aos cabelos brancos considerados como sintoma da velhice. Em muitos casos porém, os cabelos brancos prematuros são um defeito de pigmentação e mau funcionamento glandular que se deve tratar, e, não um diploma de idade. Há gente nova com a cabeça branca e há octogenários de cabelo escuro. Em Paris é muito elegante a cabeça branca, e, vêm-se senhoras novas, que à força de descoloração conseguem branquear o cabelo. É uma questão de moda que não é aconselhavel, porque a descoloração estraga o cabelo tal e qual como a pintura para esconder o cabelo branco.

As tinturas para escurecer ou alourar o cabelo são inofensivas para algumas pessoas mas há senhoras duma tal sensibilidade nos toxicos que ellas contêm, que começam logo a sentir os seus efeitos perdendo a frescura do rosto e res-sentindo-se na sua saúde. É preciso pois todo o cuidado com essas applicações, que mudam



a cor do cabelo, mas não modificam a idade e é preferivel fazer como as parisienses e ostentar com elegância uma cabeça branca.

RECEITAS DE COZINHA

Lavagante á americana — Corta-se em trez partes um lavagante vivo, conservando a água que sai das carnes e deixando inteiras as partes grossas das pernas. Numa caçarola abrimo-se em bom azeite uma cebola e algumas chilotas cortadas em bocados pequenos; deitam-se depois nela os bocados do lavagante, um ramo de cheiros, um dente de alho, um ou dois pimentos pequenos, grãos de pimenta e sal.

Salteia-se durante uns cinco minutos, cobre-se os bocados, até trez quartos de altura com vinho branco, um pouco de aguardente fina e a água que escorreu na ocasião de cortar o lavagante.

Tapa-se então a caçarola e deixa-se cozer durante cerca dum quarto de hora. Passado este tempo retiram-se os pedaços do lavagante, limpam-se das crustas e colocam-se bem dispostos num prato.

Cõa-se o caldo da cozedura, reduz-se a um terzo, liga-se com uma ou duas colheradas de molho de tomate e outro tanto de caldo gelatinoso de carne e dá-se á mistura uma pequena fervura. Retira-se depois a caçarola do lume, incorporam-se no molho a pouco e pouco cinquenta grammas de manteiga e um pouco de coquelour picante, salsa picante e sumo de limão, deita-se sobre o lavagante e serve-se com arroz de manteiga.

DE MULHER PARA MULHER

Inquieta — Esse estado de espirito deve ser causado por qualquer mal fisico, procure o médico e verá como tudo se modificará. Não é certamente essa pequena discussão que a torna tão infeliz.

Não mostre de maneira nenhuma esse estado de espirito que pode prejudicar toda a sua felicidade e o sossego do seu lar. Os homens em geral não comprehendem as sensibilidades doentias e enfastiam-se com as suas manifestações.

Georgette — E' explendido o «camping» e lá fora muito usado. Aproveite a oportunidade para fazer uma cura de ivaz, tão boas agora nesta época e de tão saudáveis efeitos. As ivaz podem ser acompanhadas de pão e bolachas. Verá que ótimos resultados vai tirar.

PIMIDE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 2
Copas — — — —
Ouros — A. 5, 4, 3
Paus — A

Espadas — R N Espadas — D.
Copas — R O Copas — D. V.
Ouros — — — — E Ouros — R. D. V. 10
Paus — D. 10, 9, 8, 7 S Paus — — — —

Espadas — 5
Copas — A. 2
Ouros — 2
Paus — R. V. 2

Trunfo espadas. S joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

N joga 2 o que S corta com 2 e.
S » D c, se O entra do A c, fica o problema resolvido, se O cede, N joga R c.
N joga 3 o, S — 3 e.
S » 10 c, se O joga A c que o problema resolvido, se O cede, N — V c.
N joga 4 o, S — 4 e.
S » 8 c e quer O entre do A c ou cêda, N faz as 6 vasas.

A idade do pai e do filho

(Solução)

O pai tem 75 anos e o filho 37 (diferença 38).

Que número é?

(Problema)

Se se subtrair 61 dum certo número, o resultado será menos um do que o mesmo número dividido por 15.
Qual será êsse número?

Etimologia da palavra domesticar

Etimologicamente, domesticar um animal é obrigá-lo a viver na nossa casa (*domus*) ou próximo dela. Com o tempo, porém, este termo foi perdendo a latitude primitiva e não se aplica, hoje, por exemplo, a aves que só possam viver presas em gaiolas, a raposas ou a feras cativas, mesmo que vivam nas nossas casas ou próximo delas. A domesticação é o resultado do esforço duma série indefinida de gerações de animais, que se foi a pouco e pouco tornando uma qualidade inerente às raças, transmissível por hereditariedade.

O aço de que hoje é formada uma grande parte das máquinas agrícolas, não é uma invenção moderna. Os egípcios, segundo Karsten, já se tinham apercebido dos efeitos da tempera de certos ferros, pelo menos dezasseis séculos antes da era cristã, e nos tempos da guerra de Tróia era o aço mais espalhado do que geralmente se pensa, pois servia comumente, assim como o bronze, para o fabrico de pontas de armas ofensivas e de aparelhos de lavoura.

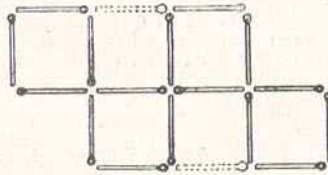
Records de aves

Um ornitologista americano, M. J. Lancaster afirma que tem visto fragatas (nome de certas aves de rapina, marítimas), voarem durante sete dias consecutivos, dia e noite, sem nunca descansarem. Segundo as suas observações, a fadiga daqueles pássaros não é excessiva, mesmo nos maiores percursos que fazem pelo ar; na verdade, a fragata pode facilmente e quasi sem mover as asas, não só equilibrar-se no espaço, como também voar a 160 quilómetros à hora.

Um médico americano inventou um meio de impedir que as crianças pequeninas se tornem excitadas, nervosas e irritáveis. Resolveu essa questão, colocando um grande espelho quadrado em lugar onde a criança possa ver a sua imagem reflectida. O espanto que ao bebé em lágrimas causa ver o seu próprio aspecto, faz com que êle se esqueça de chorar.

De cinco para quatro

(Solução)



Pelo diagrama se vê quais eram os dois fósforos que haviam de mudar de lugar, para ficarem 4 quadrados em vez de 5.

Um fumador de charutos

Morreu há cerca de quatro anos um alemão, de nacionalidade saxónia, a quem chamavam o pai Franck e que era considerado no seu país uma espécie de herói nacional, como *recordman* do charuto.

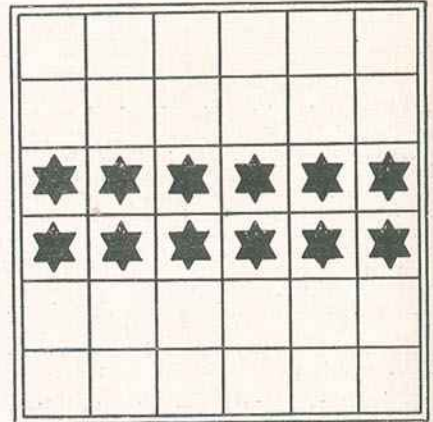
Êste incançável fumador tinha, no prazo de sessenta anos, reduzido a cinzas 547.500 charutos. E, facto notável: fornecera-se sempre da mesma tabacaria, situada defronte de sua casa. Pela manhã, abria a janela, chamava o empregado da loja e pedia que lhe mandasse uma caixa.

Vinha a caixa dos charutos. Abria a e enquanto tomava o seu primeiro almôço, acendia o seu primeiro charuto, no qual acendia o segundo que servia para acender o terceiro, etc. O pai Franck não se interrompia senão para dormir. Mas se, por acaso, acordava durante a noite, já não tornava a adormecer sem ter fumado outro.

A ilha mais densamente povoada que há no mundo é a de Malta, no Mediterrâneo, de possessão inglesa. Tem 680 habitantes por quilómetro quadrado.

A dúzia de estrêlas

(Problema)



Aqui estão 12 estrêlas colocadas num taboleiro de 36 casas.

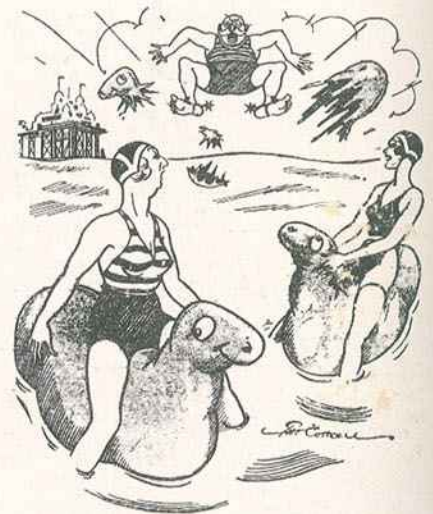
Trata-se de dispô-las por forma que fiquem duas estrêlas em cada fila vertical, duas em cada fila horizontal e duas em cada uma das grandes diagonais.

Não deve haver mais de duas estrêlas na mesma linha recta e o resultante desenho deverá ficar simétrico.

Resposta a tempo

Em um livro intitulado *Portugal ilustrado pelo sexo feminino* de que é autor o P.º Manuel Tavares e que foi publicado em 1754, conta-se que achando-se D. Bernarda Coutinho, senhora *discretíssima em ditos e respostas*, na côrte de Castela, aí assistiu á representação duma comédia em que figurava um castelhano dando grossa pancadaria em um português.

O Duque de Alba, D. Fernando de Toledo, que tambem assistia á representação, aproximou-se de D. Bernarda, dizendo-lhe: «Veja V. S. como cá os castelhanos tratam os portugueses». Ao que ella prontamente respondeu: «Cá são assim tratados os portugueses a brincar, e em Portugal são os castelhanos tratados da mesma forma, mas a valer.»



— «Pronto, ora aí está! Eu tem dizia ao Major que não fôsse de esporas, para o banho!»

(Do «Fit-Bits»)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

Esc. 21.045.116\$72

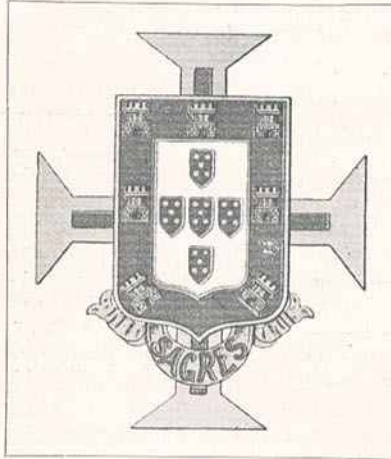
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

Esc. 15.863.803\$97

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — Telef. 2 4171

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nele estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se estejam na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escritora de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. brochado . . . Esc. 4\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR

A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc. 6\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distração, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o medo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores Haig, Contant e Lévy

1 volume de 154 páginas, brochado 6\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE \$60
Simples \$30

Un'cos importadores
CASA HAVANEZA-LISBOA

A saúde a três de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15x23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8\$00**; Encadernado **13\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benollet e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Deposítaria:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

- ABELHAS DOIRADAS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- (1.^a edição), 1 vol. br. 15\$00
- ALTA RODA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AO OUVIDO DE M.^{me} X. — (5.^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- ARTE DE AMAR — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.^o milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- CARTAS DE LONDRES — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- COMO ELAS AMAM — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- CONTOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DIÁLOGOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1\$50
- ELÈS E ELAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ESPADAS E ROSAS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ETERNO FEMININO — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- EVA — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- GALOS (OS) DE APOLO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- MULHERES — (6.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- OUTROS TEMPOS (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- PÁTRIA PORTUGUESA — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50
- POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. 2\$00
- UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1\$50
- VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

- NADA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SONETOS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

- AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- CARLOTA JOAQUINA — (3.^a edição), 1 vol. 3\$00
- CASTRO (A) — (2.^a edição), br. 3\$00
- CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.^a edição), 1 vol. br. 1\$50
- CRUCIFICADOS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- D. JOÃO TENÓRIO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- MATER DOLOROSA — (6.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- 1023 — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- O QUE MORREU DE AMOR — (5.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
- PAÇO DE VEIROS — (3.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
- PRIMEIRO BEIJO — (5.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- REI LEAR — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- REPOSTEIRO VERDE — (3.^a edição), 1 vol. br. 5\$00
- ROSAS DE TODO O ANO — (10.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- SANTA INQUISIÇÃO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SEVERA (A) — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- SOROR MARIANA — (4.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- VIRIATO TRÁGICO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

- Algebra Elementar**, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 296 págs. 13\$00
- Aritmética Prática**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. 13\$00
- Desenho Linear Geométrico**, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. 12\$00
- Elementos de História da Arte**, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. 25\$00
- Elementos de Mecânica**, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. 12\$00
- Elementos de Metalurgia**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 págs., com 121 grav. 20\$00
- Elementos de Modelação de ornato e figura**, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12\$00
- Elementos de Projeções**, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. 18\$00
- Elementos de Química**, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional — 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15\$00
- Escrituração Comercial e Industrial**, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., 12\$00
- Física Elementar**, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. 15\$00
- Geometria Plana e no Espaço**, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs., com 273 grav. 15\$00
- O Livro de Português**, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. 12\$00

MECÂNICA

- Desenho de Máquinas**, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est. 30\$00
- Material Agrícola**, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras 15\$00
- Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav. 15\$00
- Problemas de Máquinas**, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 400 págs., com 170 grav. 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

- Acabamentos das construções**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav. 17\$00
- Alvenaria e Cantaria**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.
- Cimento Armado**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav. 28\$00
- Edificações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. 17\$00
- Encanamentos e salubridade das habitações**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras 15\$00
- Materiais de Construção**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav. 30\$00
- Terraplenagens e Alicerces**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 págs., com 230 grav. 15\$00
- Trabalhos de Carpintaria Civil**, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 418 págs., com 464 grav. 20\$00
- Trabalhos de Serralharia Civil**, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

- Condutor de Automóveis**, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira — No prelo.
- Condutor de Máquinas**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. 25\$00
- Electricista (Novo Manual do)**, pelo eng. Hugo Pinto de Moraes Sarmiento — 1 vol. com 436 págs. e 246 grav. 25\$00
- Fabricante de Tecidos**, pelo eng. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. 25\$00
- Ferreiro**, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas. 15\$00
- Fogueiro**, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav. 18\$00
- Formador e Estucador**, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras. 12\$00
- Fotógrafo**, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav. 12\$00
- Fundidor**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15\$00

- Galvanoplastia**, por André Brochet, tradução de Manuel Vêres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav. 18\$00
- Marceneiro**, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas 20\$00
- Motores de Explosão**, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav. 30\$00
- Navegante**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras. 15\$00
- Pilotagem**, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras 17\$00
- Serralharia Mecânica**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs., com 395 grav. 20\$00
- Topografia e Agrimensura**, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. 22\$00
- Torneiro e Frezador Mecânicos**, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav. 17\$00
- Vocabulário de Termos Técnicos**, pelo eng. maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs. 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

- Indústria Alimentar**, por Pedro Prostès — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14\$00
- Indústrias de Fermentação**, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 180 págs., com 72 grav. 14\$00
- Indústria de Sabões e Sabonetes**, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. 10\$00
- Indústria do vidro**, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav. 15\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

- Construção Naval**, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 págs., com 188 grav., formato 16i x 22. 12\$00
- Construção Naval**, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 págs., com 138 grav., formato 16 x 22 12\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

ACABA DE APARECER O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras,
algumas a côres, cartonado... **10\$00**

Encardernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA